

Notas para a caracterização da estação do Puio – Picote, Miranda do Douro

Dulcineia C. B. Pinto¹

ABSTRACT

This article is the product of a bibliographic research about archaeological findings at Picote during the XIX – XX century and also an archaeological study (ceramics and metal artefacts) of the settlement Puio, located at Picote, Miranda do Douro. This article aims to help to understand the chronological and cultural definition of this important site – Puio - in the history of proto-historic societies in the region.

1. INTRODUÇÃO – A CONTROVERSA DEFINIÇÃO DO “CASTRO DE PICOTE”

Este artigo visa o estudo de uma estação arqueológica, de características muito particulares. É um esporão de reduzidas dimensões, que faz parte integrante das arribas do Douro Internacional, localizado num dos extremos da aldeia de Picote, em Miranda do Douro. Neste sítio foram encontrados numerosos achados arqueológicos (fragmentos cerâmicos, metálicos, duas esculturas zoomórficas – também denominadas de berrões – e várias estelas de forma antropomorfa) que revelam uma intensa ocupação humana. No entanto este esporão é uma plataforma aparentemente desprovida de estruturas pétreas visíveis facilmente identificáveis com muralhas, parapeitos ou unidades habitacionais de cariz nitidamente arqueológico.

O sucessivo aparecimento, ao longo do século XIX e XX, de materiais arqueológicos da Idade do Ferro e romanos provenientes da aldeia de Picote levou a apontar a existência de um “Castro”. No entanto, o “Castro de Picote”, inúmeras vezes citado na bibliografia arqueológica, nunca foi cabalmente definido em relação à sua localização. O “Castro de Picote” foi abordado por vários autores (Alves: 1937, Lemos: 1993, Lopo: 1987, Mourinho: 1988, Santos Jr.: 1975) que propuseram várias hipóteses interpretativas relacionadas com o aparecimento de determinados achados arqueológicos.

O “Castro de Picote” foi, primeiramente, localizado num local muito próximo da aldeia (Lopo: 1897, 1899-1900, 1900, 1902, 1987) donde pareciam provir determinados materiais metálicos. No entanto apesar de existirem materiais arqueológicos a localização não era muito específica, facto que se explica pelas próprias características da Arqueologia praticada na época. Pela mesma

¹ Bolseira de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; investigadora associada do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto; dcbpinto@sapo.pt

altura deu-se o aparecimento de estelas funerárias (Lopo: 1899-1900) que vieram gerar uma certa confusão na localização do sítio. Por um lado as estelas provinham da capela do Santo Cristo (fig. 2 e 3), num dos extremos da aldeia, por outro lado, os materiais metálicos aparecidos eram referenciados ao dito “Castro de Picote”.

Nos anos 50, Santos Jr. realiza uma intervenção arqueológica num esporão a sul da aldeia, no extremo diferente do da capela do Santo Cristo – o Puio – que denominou de Castelar (Santos Jr.: 1975, 1984, 1985) (fig. 2 e 4). Esta escavação visava a contextualização de um berrão achado naquela plataforma (fig. 17 e 18), no entanto os materiais provenientes desta escavação não foram estudados e a cronologia apontada, posteriormente (Lemos: 1993), não foi justificada pela cultura material exumada na escavação, mas sim por achados mais ou menos descontextualizados².

Estudos dos anos 80 e 90 (Marcos: 1994 e Lemos: 1993) pareciam apontar para que o sítio da Idade do Ferro – Castro de Picote – não existisse (comentário de Lemos em Lopo: 1987) e fosse uma espécie de equívoco literário. Os autores afirmaram que a ocupação no Puio e sua extensão até à capela do Santo Cristo (que seria o local da necrópole do povoado) (fig. 3) seria de fundação romana. Os autores, fundamentados no aparecimento de moedas – um ás de Augusto (27 a. C.- 14 d. C.) cunhado em Turiaso e um ás de Tibério (14-37) cunhado em Calaguris (Centeno: 1987) – e nas numerosas estelas funerárias romanas, que indicariam a possível localização da necrópole, propuseram a fundação do povoado romano a partir do séc. I d. C.

Prospecções levadas a cabo em 2001 (Sanches: 2001) levaram a repensar a ocupação da plataforma escavada por Santos Jr. (ver localização aproximada da escavação na fig. 4), objecto de estudo neste artigo. Nesta plataforma e suas encostas surgiram duas estelas calcólicas (Sanches: 2004) e numerosos fragmentos cerâmicos manuais que pareciam apontar para a Pré-História e Proto-História local.

Pensamos que o esporão do Puio, dada a quantidade e qualidade de achados arqueológicos aí encontrados, poderia ser o dito “Castro de Picote”, no entanto o Puio não possui as características geográficas e arquitectónicas que definem habitualmente os castros³.

Deste modo, para podermos compreender a ocupação do Puio e colocar a hipótese de o Puio ser de facto o dito “Castro de Picote”, resolvemos estudar os materiais provenientes da escavação de Santos Jr., em 1952 / 1953 e integrá-los nos muitos materiais recolhidos à superfície, neste mesmo esporão, nas prospecções levadas a cabo em 2001 e dirigidas por Maria de Jesus Sanches.

2. HISTORIOGRAFIA DE PICOTE

A primeira referência conhecida relacionada com Picote encontra-se nas Memórias Paroquiais de 1758 (Vasconcelos: 1895). José Leite de Vasconcelos publica um extracto destas memórias como pertencentes ao Dicionário Geográfico do Padre Luís Cardoso (Vasconcelos: 1895), no entanto Pedro de Azevedo refuta a origem do extracto (Azevedo: 1895). Independentemente da origem, este extracto refere apenas a capela do Santíssimo Cristo (donde provêm as estelas funerárias) (fig. 2 e 3) e o povoado “Cigaduenha”, descrevendo-o correctamente como povoado fortificado (amuralhado) com campo de pedras fincadas. Refere também o Castelo de Las Ruelas, a nascente, com uma fraga a pico, onde se encontrou um alfange em metal todo amarelo.

A segunda referência conhecida é a de Albino Pereira Lopo (Lopo: 1897) que menciona o Castro de Picote, sem que seja feita uma breve descrição e localização desse “Castro”.

² Até aqui todos os elementos usados para indicação de cronologia foram os achados do Castro de Picote e do termo da povoação, nomeadamente o ás de Augusto, cunhado em Turiaso, que se encontra à guarda do Museu Municipal de Bragança.

³ Sem queremos ser extensivos, gostaríamos de referir que habitualmente os “castros” têm sido definidos como sítios em altura, normalmente povoados, providos de sistemas arquitectónicos (muralhas, parapeitos, taludes ou fossos artificiais) que foram lidos quase sempre como estruturas de carácter defensivo. O Puio não se encaixa neste “modelo”.

As notícias dos primeiros achados relacionados com Picote surgem entre os anos de 1897 a 1900. Em 1898, José L. de Vasconcelos (Vasconcelos: 1898) enumera os achados oferecidos ao Museu Municipal de Bragança pelo abade de Picote e todos achados num castro junto a Picote: uma moeda de cobre do tempo de Augusto⁴, um broche de bronze antigo, um fragmento de uma gargalheira de cobre. Além destes objectos foi também encontrado no *termo* da mesma povoação um machado de pedra.⁵

Em 1899-1900 Lopo indica que foram encontrados uma fíbula, algumas moedas romanas e outros objectos de cobre provenientes do “Castro de Picote” (Lopo: 1899-1900) que foram enviados pelo reitor da mesma povoação para o Museu Municipal de Bragança. Estes achados podem ser ou não os mesmos que Vasconcelos refere no artigo de 1898. Em 1900 o mesmo reitor envia ao museu cinco estelas funerárias, encontradas no termo da mesma povoação (Lopo: 1900). As notícias de Lopo são mais completas do que a de Vasconcelos, no entanto Lopo não conhecia Picote. Na primeira notícia diz que os achados metálicos vieram do Castro mas na segunda diz que as estelas e os objectos vieram do *termo* da povoação. Como não podia afirmar ao certo a origem dos achados remete o leitor para o artigo de Vasconcelos, de 1895, copiado das Memórias Parochiaes, onde é feita uma descrição de Picote, mas onde não é referido o Castro.

Em 1902, surge uma quarta notícia de um achado onde se pode ver uma fotogravura de uma lança encontrada novamente no termo de Picote (Lopo: 1902).

Nos Apontamentos Arqueológicos, Albino Lopo⁶, afirma que as lápides funerárias, as moedas, outros objectos de cobre e entre eles a fíbula e a lança provinham todos do Castro de Picote, dividindo este sítio daquele do povoado “Cigaduenha”. Aparentemente Lopo acreditava e afirmava que estes objectos tinham vindo de um Castro muito próximo da aldeia de Picote, sendo que a Cigaduenha se encontra a cerca de uma hora a pé da aldeia.

O posterior estudo da fíbula, da lança e da moeda gerou uma certa confusão sobre a proveniência dos achados. Esta confusão foi ampliada pelo Abade Baçal que nas suas memórias (Alves: 1934) republicou todas as notícias até então publicadas, no entanto desrespeitou a fonte e dividiu a informação. Quer dizer, cada notícia não é uma cópia exacta da anterior é uma “colagem” de vários achados de diferentes proveniências que ele juntou numa só proveniência modificando substancialmente a notícia original. No fundo, é uma re-interpretação. Refere, por exemplo, que no Castelo de Las Rucas – sítio não localizado – foi achado um alfange todo amarelo e uma fíbula de cobre ou bronze (Alves; 1934, 152), quando a fíbula não é referida na notícia que descreve o achado do alfange amarelo, o único achado deste sítio.

Posteriormente outros autores como Höck e Coelho (1972) vão, por exemplo, afirmar que a lança provinha do Castro de Picote, quando na notícia original provinha do termo da povoação (uma referencia abrangente e que não localizava o sítio do achado).

Estas primeiras notícias de achados arqueológicos, noticiadas até aos inícios do século XX, relacionadas com Picote, parecem apontar para dois sítios distintos de proveniência dos achados, um, o “Castro de Picote”, o outro, o “termo da povoação”. No entanto apesar desta aparente distinção de origem, o local de proveniência dos achados continua a ser uma incógnita.

O termo da povoação possui três significados diferenciados que podem modificar, neste caso, a origem dos achados. Em primeiro lugar, “termo”, dentro da toponímia local, significa o território que pertence à freguesia (é uma área circunscrita que pertence a uma só administração e que está delimitada por marcos). Em segundo lugar, o significado académico de “termo” pode querer dizer

⁴ Moeda referida e estudada por Rui Centeno em: “Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192”, Porto, tese policopiada.

⁵ As notícias foram extraídas do Jornal “O Norte Transmontano” de 1897.

⁶ Os apontamentos Arqueológicos de Albino Pereira Lopo (1860-1933) foram publicados em 1987, por Francisco de Sande Lemos e pela Universidade de Braga.

periferia da povoação, que vem da origem da própria palavra termo – *terminus* – que tem como significado limite, fim ou extremidade⁷. Em terceiro lugar, o termo da povoação pode querer dizer apenas o fim da povoação, isto é, o fim das casas da aldeia⁸.

Os achados que são referenciados ao “Castro de Picote” possuem uma localização toponímica, quer dizer, sabemos que as pessoas denominavam de Castro de Picote um determinado sítio de onde são provenientes alguns achados. Os achados provenientes do termo podem estar relacionados com qualquer sítio dentro da área da freguesia de Picote.

A freguesia de Picote possui 3 sítios com uma possível ocupação da Idade do Ferro, o povoado da Cigaduenha, a estação do Puio, também conhecida como Castelar, e o Castro, também denominado de Picões do Diabo pela população de Sendim. Cremos que se os achados encontrados no “Castro de Picote” fossem provenientes da Cigaduenha teriam sido relacionados com este povoado, pois ele é conhecido como tal pelo menos desde que começaram a surgir notícias arqueológicas.

Creemos que o Puio não corresponde ao dito “Castro de Picote”, pois, em primeiro lugar, não seria fácil para a população local identificar neste esporão um castro, isto é, um povoado fortificado. Em segundo, a estação do Puio, não se localiza no extremo do território administrativo pertencente a Picote, e como tal, não se encaixa dentro do significado académico dado à palavra termo.

Por último, o dito Castro de Picote poderia corresponder ao “Castro”, um esporão, de menores dimensões e com encostas mais abruptas que o Puio, onde ocorrem cerâmicas de fabrico manual, provavelmente proto-históricas. No entanto, temos que referir que este *Castro* é um sítio não romanizado, possui dimensões muito reduzidas, não aparenta ser um povoado e possui apenas uma linha de muralha ou talude. Creemos que seria difícil as moedas romanas serem provenientes deste local, e por isso a identificação deste sítio com o Castro de Picote é improvável.

Assim, tendo em conta a ambiguidade do significado da palavra termo aliada à pobreza das referências geográficas, admitimos que não sabemos a proveniência certa de todos estes materiais e portanto eles não mais serão relacionados, por nós, com o sítio do Puio, bem como com qualquer um dos outros dois sítios.

Propomos que estes achados sejam referidos tal qual na notícia original. A fíbula, a moeda e outros objectos metálicos foram encontrados no dito “Castro de Picote” – independentemente da sua localização –; as lápides, o machado e a lança foram encontrados no termo da povoação.

Durante o século XX até à actualidade continuam a surgir novos achados, mas destes é já conhecida a sua proveniência. Em 1937 o Abade Baçal publica 10 estelas provenientes de Picote, da Capela do Santo Cristo (Alves: 1934; tomo IX, 65-71; tomo X, 815), sendo que 5 delas já se encontravam publicadas⁹, no entanto, como já foi dito, a sua localização original era o termo da povoação (ver a localização da capela do Santo Cristo na fig. 2 e 3).

Em 1951 dá-se o achado de um grande berrão na aldeia de Picote, no sítio do Puio e nos dois anos seguintes são realizadas intervenções arqueológicas por Santos Jr., que encontra durante esse tempo um outro berrão de menor tamanho (fig. 19).

⁷ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Instituto António Houaiss de Lexicografia, Portugal – Temas e Debates, Lisboa 2003.

⁸ Este parece ser o significado da palavra termo, pelo menos para uma das notícias. As primeiras lápides funerárias romanas encontradas provinham do termo da povoação, no entanto sabemos que estas lápides provinham do edifício e da área envolvente da Capela do Santíssimo Cristo. Nesta notícia o termo da povoação significa apenas o fim da povoação (aldeia), pois a Capela do Santo Cristo localiza-se num dos extremos da aldeia.

⁹ Lopo, Albino Pereira (1900) Picote (Miranda do Douro), O Archeologo Português, 1ª série, vol 5, Lisboa, pp. 143-145e por Hubner, Ephemeris Epigraphica, IX.

Nos finais dos anos 50, a construção da barragem de Picote e a colocação dos postes de alta tensão que partem desta, vão atingir irremediavelmente o sítio que Santos Jr. escavou, pois vários daqueles implantam-se na plataforma/esporão do Puio.

Nos anos 80, nas obras de remodelação de uma das casas da aldeia (perto da capela do Santo Cristo), foi descoberto e destruído um compartimento rectangular de construção romana. Domingos Marcos recolheu dessa destruição tijolos circulares e rectangulares, um torques em liga de cobre e dois anéis, que estão actualmente à guarda da Sala-Museu de Mogadouro (comentário de Lemos em Lopo: 1987; Lemos 1993; vol. IIa, 230; Marcos e Lemos: 1988).

Em 1988, António Mourinho publica 8 estelas (Mourinho: 1988), todas encontradas em Picote entre os anos de 1947 a 1988. Com esta publicação ficam contabilizadas em 18 as estelas provenientes de Picote¹⁰.

Em Outubro de 2000, a Associação FRAUGA, fez o pedido a Maria de Jesus Sanches para realizar o estudo de uma gravura descoberta num afloramento, na quebra da plataforma do Puio, sobre a arriba do Douro. O estudo da gravura foi realizado em Agosto e Setembro de 2001, publicado em 2002 (Sanches e Pinto: 2002), e a prospecção sistemática da área envolvente da Fraga do Puio implicou a recolha de numeroso espólio, essencialmente cerâmico, no solo recém lavrado do esporão. Entretanto foi construído pelo PNDI¹¹ um miradouro no extremo SW do esporão do Puio mas felizmente não se procedeu a arranjos no caminho de acesso, arranjos esses que implicariam a destruição de muros e movimentação de terras.

Este estudo realizado em 2001 revelou mais uma vez a importância desta plataforma, em termos de ocupação humana. O aparecimento de uma gravura, dentro de um espaço em que anteriormente já tinham sido encontrados tantos materiais – os berrões e os materiais arqueológicos metálicos e cerâmicos provenientes da escavação (a seguir descritos), apontava novamente para uma longa e expressiva ocupação deste sítio.

Em 2005, é novamente, encontrado um grande berrão, quando um particular procedia a obras de demolição de uma casa, entre o Bário e a Fontósia, a poucos metros do Puio (fig. 22). De acordo com Armando Redentor, “este elemento, está atribuído a um período datável dos séculos IV ao II AC, em função de outros exemplares, cujo contexto arqueológico é melhor conhecido”¹².

Também em 2005 ocorre uma nova destruição do sítio. A renovação de um poste de alta tensão leva à escavação para novos alicerces e à entrada de máquinas, como escavadoras e guias dentro do “recinto” arqueológico. E assim, nem a importância deste sítio levou a repensar a linha de alta tensão (fig. 21) e a ter os devidos cuidados ligados à movimentação de terras e derrube de muros provocados por aquelas pesadas máquinas¹³.

3. DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA E TOPOGRÁFICA DO ESPORÃO PUIO

O esporão do Puio localiza-se na freguesia de Picote, concelho de Miranda do Douro, distrito de Bragança. Este esporão de topo aplanado avança a plataforma ocupada pela povoação para Sul, desenhando-se abruptamente sobre uma curva do rio Douro (fig. 2 e 3). Trata-se de um esporão alongado, no sentido Norte-Sul, rodeado por dois ribeiros, afluentes do Douro e dele se domina todo o troço do rio Douro. O esporão define-se a Este pela Ribeira da Nossa Senhora dos Aflitos, a Sul pela arriba do rio Douro, a Oeste novamente por uma ribeira menor e a Norte prolonga a plataforma da aldeia de Picote (fig. 2 e 3), que é em si, uma extensão, a uma cota mais baixa, do planalto Mirandês.

¹⁰ Para ver mais pormenores sobre a proveniência das estelas aconselhamos a leitura da bibliografia relacionada.

¹¹ Parque Natural do Douro Internacional.

¹² Notícia de Francisco Pinto, no Jornal do Nordeste em:

<http://www.jornalnordeste.com/noticia.asp?idEdicao=77&id=2381&idSeccao=651&Action=noticia>

¹³ Esta movimentação de máquinas foi permitida e acompanhada no local pelo responsável do IPA (Instituto Português de Arqueologia) da Extensão de Macedo de Cavaleiros, Dr. Luís Pereira, nos meses de Maio e Junho de 2005.

A topografia permite verificar que o esporão teria aproximadamente, 12 500 m² de área na sua zona aplanada, sendo que as encostas Leste, Sul e Oeste, de grande pendente, apontam para a existência de barreiras naturais e/ou construídas que tivessem sustentado e mantido o topo aplanado. Encontramos nestas encostas várias linhas de muros, alguns com cerca de 2 metros de altura, dos quais não podemos saber qual a sua origem construtiva e cronológica, ainda que possamos pensar que esta tenha uma origem pré-romana (fig. 4).

Este esporão é um sítio grandemente construído pelo Homem, quer dizer, ele apenas existe – tal como se nos afigura hoje ou mesmo como se revelou a Santos Jr. em 1952/53 (com grande potência estratigráfica chegando a escavação à profundidade de 2,20 metros) porque as comunidades, ao longo do tempo, sustentaram e mantiveram as encostas que o cercavam.

A topografia aponta para a existência de um muro contínuo ou alternado com penedos, ou então de um talude, *que teria contornado o esporão pelo menos do lado nascente, sul e SW* (fig. 4). Este limite arquitectónico é apontado pela topografia específica da parte leste do caminho de acesso ao miradouro. Este caminho ladeado de muros actuais (mas que do lado leste parecem ter fundação proto-histórica) (fig. 21) alinha-se longitudinalmente pelo limite leste do esporão, aproveitando precisamente o aplanamento que cremos ter sido também conseguido, repetimos, pela existência de estruturas arquitectónicas de sustentação da encosta. Quer dizer, foram construídos muros e/ou taludes intercalados com alguns penedos, aproveitando as características topográficas do local, tal como acontece em tantos povoados conhecidos da Idade do Ferro do Nordeste Transmontano e da vizinha província de Zamora (Arroyo: 1986).

Na ausência duma “barreira” física, seja natural ou totalmente construída, seja só parcialmente construída, não se poderia ter mantido o esporão tal como se nos apresenta, não só do ponto de vista topográfico, mas também sedimentar, como já foi referido. Apesar dos escorrimientos pela encosta, a manutenção da grande potência de sedimentos na parte superior, é indicadora da existência de barreiras periféricas que contornarão o esporão e que serão por certo identificadas logo que aí se façam sondagens conduzidas precisamente com o objectivo de delimitar espacialmente e caracterizar minimamente a ocupação deste esporão (ver com atenção a fig. 3).

4. MATERIAIS DE SUPERFÍCIE DA ESTAÇÃO PUIO – PROSPECÇÃO DE 2001

Os materiais de superfície estudados do esporão do Puio foram recolhidos em Setembro de 2001, no decurso de prospecção aturada dirigida por Maria de Jesus Sanches. A prospecção e recolha de material arqueológico, foi organizada do modo que se segue. O espaço do esporão foi dividido em 4 sectores de tamanho similar, S1, S2, S3, S4 (fig. 4). No sector 1 foram recolhidas duas estelas antropomórficas¹⁴ e nos outros sectores, fragmentos cerâmicos. Do sector 5 são provenientes alguns dos fragmentos de sigillata e do sector 7 é proveniente um fundo (fig. 6, n.º 19).

No total, em 2001, foram recolhidos 751 fragmentos cerâmicos integrando 54 bordos, 30 fundos, 7 asas, 8 fragmentos decorados, 3 tampas, e nos restantes não foi possível identificar a forma. Apresentamos as características gerais do conjunto através de gráficos e optamos por apresentar apenas algumas formas que achamos relevantes¹⁵.

¹⁴ Uma na plataforma e outra na encosta (fig. 4), no sector 3, além se uma moeda romana, recolheu-se cerâmica; este último material é dominante nos 4 sectores.

¹⁵ Somente alguns fragmentos foram desenhados devido, em primeiro lugar, a alguns deles serem modernos e os outros que não são modernos são fragmentos muito pequenos dos quais não conseguimos perceber minimamente a forma e a dimensão da forma, nomeadamente do diâmetro. Assim, apenas registamos através do desenho aqueles fragmentos maiores e de maior interesse.

4. 1 Metodologia de estudo dos materiais cerâmicos

No conjunto de materiais cerâmicos provenientes da estação do Puio usamos uma metodologia de estudo que agrupa os fragmentos cerâmicos em grupos de pastas¹⁶.

As formas encontradas foram registadas em relação à sua pasta, mas também foi registada a sua cor, a espessura de parede (registada no desenho) e o tratamento da superfície. Registamos 6 categorias de cores, VE – vermelho escuro, VC – vermelho claro, rosas e laranjas, P – pretos ou cinzentos-escuros, B – cinzentos-claros ou brancos, A – amarelos, castanhos-claros ou bejes e C – castanhos-escuros. A espessura da parede foi registada no desenho respectivo. O tratamento de superfície possui 5 categorias, a saber; Nf – Não identificado (quando a superfície do fragmento se encontra muito deteriorada), Ali – Alisado, Pol – Polido, Rug – Rugoso (quando esta rugosidade é intencional e não fruto da deterioração da superfície) e Esp – Espatulado.

Com a metodologia de estudo de pastas pretendíamos entender os vários tipos de cerâmicas presentes à superfície e com o estudo das formas pretendíamos perceber a relação das pastas com cada grupo de formas. O objectivo final era fazer a aproximação possível aos vários períodos cronológico-culturais presentes nos materiais de superfície do esporão do Puio.

4.2 Estudo dos materiais cerâmicos

O estudo dos materiais cerâmicos da estação Puio revelou a presença de 7 tipos de pastas cerâmicas, 5 pastas (caracterizadas a seguir, A, B, C, D, E), telha e cerâmica moderna. O conjunto da telha engloba, maioritariamente fragmentos de imbrex, sendo que não sabemos se são modernos ou mais antigos, e em menor quantidade alguns fragmentos de tégula. O conjunto da cerâmica moderna é constituído por fragmentos com forma e sem forma da época actual, muito provavelmente provenientes da antigo Quartel do Guarda Fiscal e dos lixos da própria aldeia.

Pasta A

ENP	Natureza	Dimensão	Percentagem	Distribuição
Mica	Adicionada	0,5 a 1 mm	30 %	Boa
Quartzo	Natural	<1 mm	5 %	Má
Xisto	Natural	<1 mm	5 %	Má

Descrição – A pasta A é uma pasta uniforme, de aspecto homogéneo e bastante resistente à fractura. Esta pasta possui uma grande quantidade de mica, bem distribuída e de reduzidas dimensões, o que lhe confere, repetimos, homogeneidade e também um aspecto extremamente brilhante, chegando até a ser reluzente. Os outros constituintes – quartzo e xisto – possuem também dimensões reduzidas, mas encontram-se muito raramente e mal distribuídos, e por isso, foram considerados por nós como elementos naturais provenientes do barro recolhido para a manu-

¹⁶ Este método exige, em primeiro lugar, uma numeração sequencial dos fragmentos para que estes possam ser estudados e registados individualmente. Em segundo, os fragmentos são fracturados levemente (com o auxílio de um alicate de pontas) para que o seu cerne possa ser devidamente analisado. Neste caso, a análise do cerne foi feita a olho nu (apenas com o auxílio de uma lupa de pouco aumento – 8 vezes). Após a análise empírica do cerne dos fragmentos, é avaliado o desengordurante ou ENP (elemento não plástico) tendo em conta a sua natureza, dimensão, percentagem e distribuição.

Quanto à natureza um desengordurante pode ser natural no barro ou adicionado e portanto achamos importante perceber se o desengordurante é adicionado ou não. Optamos por dizer que o desengordurante é adicionado quando este possui determinadas características, a saber; quando a dimensão de todos os elementos presentes na fractura é muito homogénea, quando a percentagem de elementos é muito elevada e quando a sua distribuição é boa, querendo dizer que se encontra homogeneizado na pasta. Desengordurantes adicionados sugerem pastas bastante homogéneas, de caracterização fácil, pois a variabilidade dos seus elementos não plásticos é praticamente inexistente.

A dimensão dos desengordurantes é apontada em relação ao elemento de maior tamanho encontrado, isto é, se o tamanho for 1,9 mm referimos que os ENP são <2mm, independentemente de medirem, 0,5 mm ou 1,5 mm. O que conta na avaliação das pastas é amplitude do tamanho dos ENPs, pois como já foi referido, uma variação pequena nos tamanhos revela uma pasta homogénea e uma grande variação revela uma pasta pouco homogénea. A percentagem e distribuição dos ENPs é medida através dos gráficos apresentados em Clive Orton, Paul Tyers e Alan Vince (1997).

Esta metodologia é descrita em pormenor em: “La cerámica en Arqueología” de Clive Orton, Paul Tyers y Alan Vince, 1997, Editorial Critica.

factura dos vasos. A má distribuição destes elementos não plásticos (ENP) pode estar relacionada com a sua escassez e não com uma manufactura deficiente em termos de amassar o barro.

De facto, esta pasta aparente grande qualidade, um elevado grau de resistência aliado a óptimo aspecto, concedido pela enorme quantidade de micas.

Os vasos fabricados com esta pasta foram realizados exclusivamente a torno. Os fragmentos possuem todos cores vermelhas ou bejes, mas pensamos que tal facto tem haver com uma cozedura oxidante não só com a cor da argila. Todas as características apresentadas nos levam a pensar que esta pasta tenha sido usada no período romano, na manufactura da cerâmica comum.

Pasta B

ENP	Natureza	Dimensão	Percentagem	Distribuição
Mica	Tempera	<1 mm	30 %	Boa
Quartzo	Natural	<1 mm	5 %	Má

Descrição – A pasta B, tal como a pasta A é bastante homogénea. Esta pasta possui muita mica de reduzidas dimensões, o que lhe confere um aspecto muito brilhante, evidenciado pela cor escura das cerâmicas. Ao nível de desengordurantes apenas foram detectados mica e quartzo (não tendo sido detectados nem feldspatos nem xistos) o que revela possivelmente, um certo controlo na manufactura da pasta (recolha, limpeza e trituração).

Os vasos fabricados com esta pasta possuem um fabrico manual e a torno. Apresentam um grau de resistência grande ainda que menor que a pasta A. Esta menor resistência dos fragmentos pode estar aliada à cozedura redutora sendo que a grande maioria dos fragmentos apresentam cores escuras – pretos e castanhos.

Os fragmentos que pertencem a esta pasta possuem tratamento de superfície onde predomina o alisado, que ajuda à percepção da mica – esta fica orientada e é muito visível.

Esta pasta é similar a uma pasta presente no Crasto de Palheiros – pasta VIII – onde predominam outros tratamentos de superfície como os cepilhados, os rugosos e areados que “disfarçam” a mica, tornando o aspecto dos vasos mais opaco. No entanto no seu cerne os fragmentos de ambos os sítios são similares. No Crasto de Palheiros a pasta VIII aparece predominantemente nas ocupações mais tardias, entre o séc. II a. C. ao I d. C. Por analogia cremos que na estação do Puio a pasta B corresponda a uma manufactura de vasos indígenas ainda que inseridos já dentro de uma cronologia do século I d. C. continuando, possivelmente, a serem usados nos séculos seguintes.

Pasta C

ENP	Natureza	Dimensão	Percentagem	Distribuição
Mica	Natural	<1 mm	5 %	Má
Quartzo	Natural	<2 mm	10 %	Média
Feldspatos	Natural	<1 mm	10 %	Boa

Descrição – A pasta C é uma pasta de carácter ligeiramente grosseiro. Esta pasta possui um número elevado de desengordurantes, ainda que estejam bem ligados e a pasta seja, no geral, bastante homogénea. O elevado número de desengordurantes fragiliza a pasta ao nível da resistência térmica e do choque.

Os recipientes desta pasta possuem um fabrico exclusivamente manual. Apresentam um grau de resistência muito fraco, que está aliado à constituição da pasta e à cozedura redutora de todos os fragmentos estudados.

A pasta C da estação do Puio é similar a uma pasta (pasta III) muito usual em toda a ocupação do Crasto de Palheiros, tanto Pré-Histórica como Proto-Histórica. A diferença mais evidente entre a pasta C do Puio e a pasta III de Palheiros é que a pasta C tem um aspecto mais opaco (muito menos brilhante) a que se deve a uma maior percentagem de quartzo e a uma menor percentagem

de mica. Esta diferença deve ser tida em conta quando estudamos individualmente cada povoado; no entanto quando procuramos entender uma região devemos procurar a unidade e não as diferenças, principalmente quando estas são pouco evidentes.

A pasta C do Puio e a pasta III de Palheiros parecem pertencer a um fundo regional, quer dizer, são pastas que aparecem em toda a região transmontana. Por isso pensamos que estas pastas foram utilizadas tanto na Pré-história como na Proto-história. No entanto na Proto-história os fragmentos evidenciam um maior grau de homogeneidade o que revela, provavelmente, uma melhoria do tratamento das pastas.

Pasta D

ENP	Natureza	Dimensão	Porcentagem	Distribuição
Quartzo	Tempera	<1 mm	5 %	Má

Descrição – A pasta D é uma pasta muito depurada, muito homogênea, sem desengordurantes aparentes, sendo que apenas alguns fragmentos possuem quartzos pequenos. É uma pasta de grande qualidade em que as fracturas dos fragmentos são quase vítreas. Os 10 fragmentos estudados possuem uma superfície muito estragada. Os vasos fabricados com esta pasta possuem um fabrico exclusivamente a torno.

Pensamos que esta pasta possa estar relacionada com as cerâmicas finas romanas.

Pasta E

ENP	Natureza	Dimensão	Porcentagem	Distribuição
Mica	Natural	<0,5 mm	10 %	Média
Quartzo	Natural	1 a 3 mm	20 %	Má
Feldspatos	Natural	<2 mm	5 %	Má
Seixo	Natural	<2 mm	5 %	Má

Descrição – A pasta E é uma pasta grosseira: Possui 4 tipos diferentes de desengordurantes que aparecem em número elevado. Estes constituintes apresentam-se mal ligados à pasta, isto é, os desengordurantes desagregam-se com facilidade da pasta. Daí que esta pasta possui um aspecto nada homogêneo sendo também pouco compacta, exactamente porque se desagrega. A desagregação dos constituintes pode estar relacionada com a má constituição da pasta, aliada a uma má manufactura (pouco cuidado na transformação do barro – limpeza e trituração) e com uma cozedura mal controlada.

Os vasos fabricados com esta pasta possuem um fabrico exclusivamente manual. Os fragmentos possuem todos cores escuras, evidenciando uma cozedura redutora.

Esta pasta é tradicionalmente identificada com o fabrico pré-histórico, sendo usual em toda a pré-história regional. Por isso pensamos que estes fragmentos estarão eventualmente relacionados com uma ocupação pré-histórica neste esporão, ou então com pervivências no modo de fabricar entre as populações da Idade do Ferro.

4.3 Resultados do estudo dos materiais cerâmicos

Analisando o conjunto de materiais recolhidos à superfície e excluindo a cerâmica moderna (17 %) e a telha (8%), vemos que 58 % do conjunto são cerâmicas da pasta A e B, fragmentos de vasos a torno, de aspecto tardio, muito provavelmente relacionadas com a ocupação romana de Picote, atestada já pelas inúmeras estelas e outros materiais romanos, como moedas. Cerca de 38 % do conjunto diz respeito às pasta C e E, pastas estas que por analogia com cerâmicas da região serão proto-históricas e pré-históricas, respectivamente. As sigillatas e alguns fragmentos de cerâmicas finas perfazem 4 % da colecção.

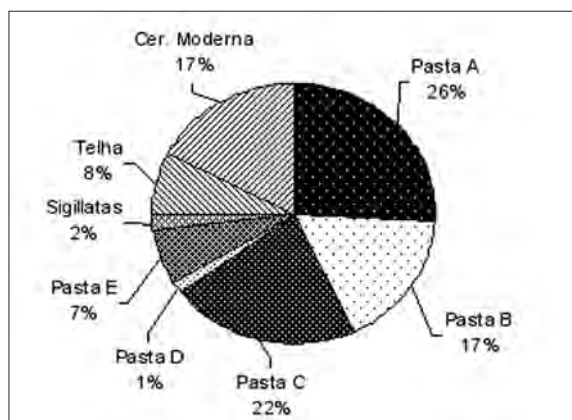


Gráfico 1 – Distribuição total dos fragmentos cerâmicos (em todos os sectores) na estação Puio, provenientes da prospecção de 2001.

Valores absolutos: Pasta A – 196, Pasta B – 127, Pasta C – 163, Pasta D – 10, Pasta E – 51, Sigillatas – 14, Tégula – 61, Cerâmica Moderna – 129.

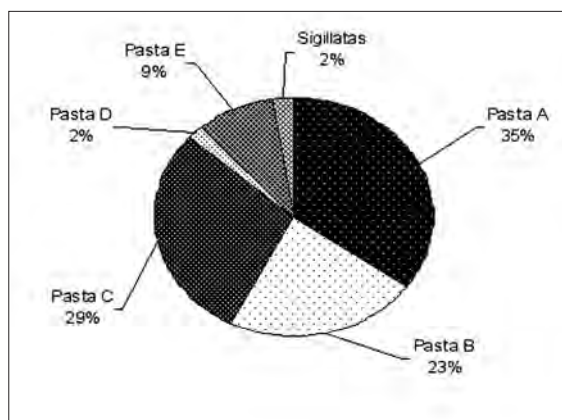


Gráfico 2 – Distribuição dos fragmentos cerâmicos, excluindo a cerâmica moderna e a telha, (em todos os sectores) na estação Puio, provenientes da prospecção de 2001.

Analisando a distribuição das pastas no sector S2, aquele mais próximo do local da escavação de Santos Jr., em 1952, vemos que 38 % são pastas A e B e 59 % são pastas C e E. A pasta D e sigillatas são 3 % do conjunto. Este sector é aquele que possui uma percentagem mais baixa de pastas A e B e mais elevada de pastas C e E. (ver tabela 1 e gráfico 3) Os fragmentos recolhidos pertencentes à pasta C eram de grande tamanho, com superfícies preservadas, tanto alisadas como polidas.

Pensamos que esta percentagem elevada de cerâmicas proto-históricas e pré-históricas no sector 2 possa estar relacionada com a escavação de Santos Jr. em 1952. O espólio cerâmico estudado por nós proveniente desta escavação era muito pequeno e sabemos por pessoas da aldeia que Santos Jr. peneirava todas as terras da escavação. Por isso o espólio deveria ser muito mais numeroso. Pensamos que muitos dos fragmentos exumados foram deixados no local e daí as percentagens de cerâmicas pré e proto-históricas serem mais elevadas neste sector.

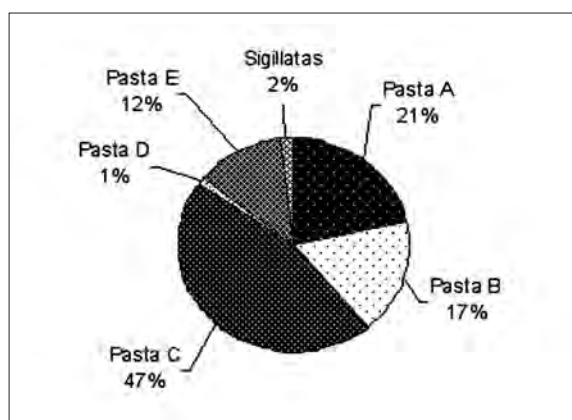


Gráfico 3 – Distribuição dos fragmentos (por pasta) no Sector 2 (S2) aquele mais próximo da área de escavação de Santos Júnior em 1952.

	Distribuição das pastas por sectores				
	S2	S3	S4	S5	S7
Pasta A	21%	42%	26%	0%	0%
Pasta B	17%	22%	34%	0%	0%
Pasta C	47%	24%	26%	0%	100%
Pasta D	1%	2%	0%	0%	0%
Pasta E	12%	8%	10%	0%	0%
Sigillatas	2%	2%	4%	100%	0%

Tabela 1 – Distribuição das pastas por sectores de recolha, na estação do Puio, prospecção de 2001.

Analisando as formas encontradas percebemos que 53 % pertencem às pastas A e B, e 25 % pertencem às pastas C e E. Apesar de no conjunto a pasta A e B apenas perfazerem 43 %, as formas são 53 % da colecção. E as pastas C e E perfazem no conjunto 29 %, nas formas apenas são 25 %. Isto revela que a colecção é tendencialmente formada por cerâmicas tardias, já muito ligadas ao mundo romano. Devido a esta tendência da colecção e do nosso especial interesse por perceber a ocupação Pré e Proto-histórica, optámos por não desenhar nenhuma forma das pastas A e D, que são vasos feitos exclusivamente a torno, bem como nenhuma das cerâmicas modernas, em detrimento das formas encontradas com pastas B (em que alguns vasos são manuais), C, e E.

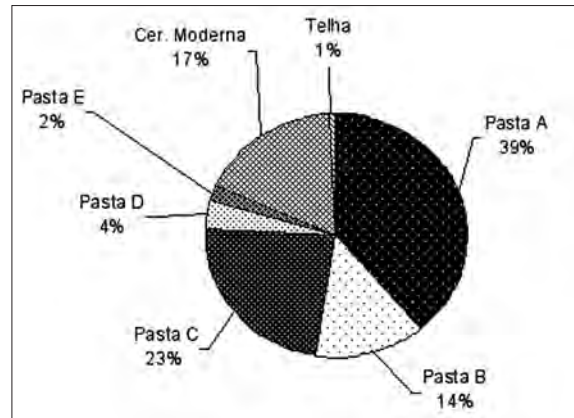


Gráfico 4 – Distribuição das formas por pastas, na estação do Puio. Material recolhido à superfície.

Formas dos materiais de superfície da estação Puio							
N.º	Tipo	Zona	Pasta	Trat. Sup	Cor	Diâmetro	Fabrico
1	Bordo	S2	C	Pol/Pol	P/P/P	43,5	Manual
2	Bordo	S3	C	Nf/Nf	P/P/P	24	Manual
3	Bordo	S2	C	Pol/Ali	P/VE/C	26	Manual
4	Bordo	S4	E	Nf/Nf	C/C/C	28,4	Manual
5	Bordo	S4	B	Ali/Ali	P/P/A	48,4	Manual
6	Bordo	S3	B	Ali/Ali	C/P/C	27	Manual
7	Bordo	S3	B	Ali/Nf	C/C/C	18	Manual
8	Bordo	S3	B	Ali/Ali	VE/P/C	25,4	Torno
9	Bordo	S4	B	Nf/Nf	C/P/P	23,4	Manual
10	Bordo	S2	B	Ali/Ali	P/P/P	6,8	Manual
11	Bordo	S3	B	Nf/Nf	A/C/A	11,6	Manual
12	Taça	S2	B	Pol/Ali	P/P/VE	10,8	Manual
13	Bas	S2	E	Ali/Ali	C/P/C	10	Manual
14	Bas	S2	C	Pol/Ali	P/P/VE	12,4	Manual
15	Bas	S2	C	Pol/Pol	VE/VE/VE	12,4	Manual
16	Bas	S3	C	Ali/Ali	C/P/C	13,8	Torno
17	Bas	S2	C	Pol/Esp	C/P/P	15	Manual
18	Bas	S2	C	Ali/Ali	VE/P/VE	14,6	Manual
19	Bas	S7	C	Ali/Pol	C/P/C	16,5	Manual
20	Bas	S2	C	Ali/Pol	VE/P/VE	15	Manual
21	Bas	S2	C	Ali/Ali	P/P/P	12,4	Manual
22	Bordo	S3	C	Ali/Ali	C/P/P	20,8	Torno
23	Bordo	S3	C	Ali/Ali	C/P/P	15,6	Manual
24	Bordo	S3	C	Ali/Ali	VE/C/VE	15,2	Manual
25	Bordo	S3	C	Ali/Pol	C/C/C	12	Manual
26	Bordo	S4	C	Nf/Nf	C/C/P	11	Manual

Tabela 2 – Descrição de algumas formas presentes nos materiais de superfície da estação Puio, que correspondem aos desenhos das figuras 5 e 6¹⁷.

¹⁷ Em 4.1 “Metodologia do estudo dos materiais cerâmicos” estão explicadas as siglas usadas neste quadro.

4.4 Conclusões do estudo dos materiais cerâmicos de superfície.

O estudo dos fragmentos cerâmicos recolhidos à superfície na estação do Puio revelou, em primeiro lugar, uma possível ocupação Pré-histórica, com cerâmicas manuais, de aspecto bastante arcaico. As formas desenhadas que poderão corresponder a esta ocupação são a número 1, 2, 3 e 4 da fig. 5 e o número 13 da fig. 6. As quatro primeiras formas são globulares, das pastas C e E, e a última é um fundo recto de pasta E. O aparecimento de globulares realizados em pasta C é para nós normal, tendo em conta o que já foi dito sobre este tipo de pasta. O aparecimento das cerâmicas Pré-históricas estaria de acordo com os achados de estelas Calcolíticas neste mesmo sítio e com o possível “enterramento” ou somente deposição do vasinho na encosta leste.

Em segundo lugar, este estudo revelou uma ocupação Proto-Histórica, nitidamente pré-romana, com cerâmicas manuais, de pastas muito usuais na Proto-história de Trás-os-Montes. As formas desenhadas que poderão corresponder a esta ocupação da Idade do Ferro irão do número 14 ao 18 e do 22 ao 26 da fig. 6, onde podemos ver fundos rectos, alguns ligeiramente curvilíneos no seu interior e bordos esvasados, que por si só não nos dão a informação que requeríamos. Quer dizer, todos estes fragmentos de vasos não nos dão formas completas e por isso é-nos impossível fazer comparações inter-regionais.

Em terceiro lugar, este estudo revelou a presença de cerâmicas – que, ainda que não sejam evidentemente proto-históricas, também não são romanas – de um período de transição, provavelmente correspondente ao século I d. C. As formas desenhadas que poderão corresponder a esta ocupação vão dos números 5 ao 11, da fig. 5. Podemos também inserir nesta ocupação os fundos 19, 20 e 21, fig. 6, ainda que realizados na pasta C, porque evidenciam uma tipologia ligeiramente mais tardia. Como já foi referido, a pasta C é uma pasta muito permeável que se mantém em uso durante muito tempo e por isso não é de estranhar a sua presença em épocas tardias.

Em quarto lugar, este estudo revelou uma intensa ocupação romana, evidenciada pelas pastas A, D e sigillatas (sub-gálicas e africanas) que se mantêm, pelo menos, até ao século IV d. C. Esta ocupação já se encontra bastante bem documentada por Lemos (1993).

Apenas temos a realçar que a presença de sigillatas africanas é bastante interessante tendo em conta que o esporão do Puio se encontra no interior transmontano.

Podemos então concluir que os materiais de superfície da estação do Puio revelaram uma ocupação pré-histórica – iniciada pelo menos no 3º milénio –, e uma ocupação proto-histórica, iniciada antes da romanização.

5. ESCAVAÇÃO REALIZADA NO “CASTELAR”¹⁸ EM 1952/1953

Em 1952 e 1953 são realizadas intervenções arqueológicas na estação do Puio, em consequência do achado do grande berrão de Picote (cerca de 2 m de comprimento) (fig. 17 e 18), actualmente instalado no adro da Igreja. Apareceu em Abril de 1952 na cortinha do Puio, localizada nas traseiras do antigo quartel da Guarda Fiscal (Santos Jr.: 1975; 424), actual sede da Associação FRAUGA (fig. 4 – ponto A).

A localização do achado tal como o da escavação posterior não foi feita ao pormenor. Sabemos que o local tanto do achado do berrão como da escavação é o esporão do Puio, ainda que não possamos referir com absoluta certeza onde é que foi feita a escavação. Sabemos que o berrão apareceu

¹⁸ A estação do Puio foi denominada por Santos Jr como Castelar, no entanto esta denominação é incorrecta. O Puio e o Castelar (e não Castelar) correspondem a duas áreas bem distintas. O Castelar é o topónimo do sopé do monte da capela do Santo Cristo, onde estão as últimas casas da aldeia e onde começa o olival que desce até ao rio. Na sua máxima extensão e para poente, a área correspondente a este topónimo, chegaria quanto muito ao antigo quartel da GF. O Puio corresponde ao esporão que tem o seu ponto mais a poente/sul, na Fraga do mesmo nome (onde se encontra a gravura do Arqueiro) e começa a partir do mesmo quartel.

A distinção dos topónimos Castelar e Puio foi-nos feita por o Professor José Meirinhos, a quem agradecemos.

a uns 30 /40 m do antigo quartel, aproximadamente a meio da referida cortinha (Santos Jr.: 1975; 424) e portanto a escavação estaria englobada no sector 2 da prospecção realizada no local em 2001. Informações orais recolhidas na aldeia também localizam aí a escavação (fig. 4).

Na primeira visita de Santos Jr. ao local do achado, em 11 e 12 de Junho de 1952, realizou-se de imediato, com a ajuda de alguns trabalhadores, uma pequena intervenção arqueológica, que visava o entendimento do contexto do berrão. Os habitantes de Picote afirmavam que o berrão tinha aparecido colocado no centro de uma estrutura pétrica circular, de fabrico rústico e que se encontrava direito e bem calçado dos lados com pedras grandes e pequenas (Santos Jr.: 1975; 426). No entanto, aquando da 1ª intervenção, Santos Jr. apenas constatou que no sítio de onde tinham retirado o berrão se encontrava uma grande cova com cerca de 1 m de profundidade e pelo chão espalhadas muitas pedras (Santos Jr.: 1975; 430) (fig. 14 e 15).

Santos Jr. começou a escavação a partir dessa cova, marcando uma zona de forma elíptica com 2 m de largura por 3 m de comprimento que escavou até 1,7 m de profundidade (Santos Jr.: 1975; 430). A dita parede da estrutura circular nunca apareceu, e alguns habitantes de Picote afirmaram que a tinham destruído sem intenção aquando da retirada do berrão (fig. 15). Santos Jr. continuou a escavar até que encontrou o início de uma parede; depois procurou em sentido oposto outra parede, que encontrou, e assim descobriu um corredor de 9 m de comprimento, por 1,5m de largura (fig. 11 e 13), que desembocava na dita estrutura pétrica, que Santos Jr., por esta altura, já denominava de “câmara” (Santos Jr.: 1975; 431) (ver desenho de Santos Jr. – fig. 12).

A escavação da cova e do corredor foi feita até 2,2 m de profundidade e aí foram recolhidos materiais arqueológicos, – cerâmicos, metálicos, vidros terras e ossos –, alguns dos quais foram guardados no Museu Mendes Corrêa.

Em 1953 dá-se uma 2ª intervenção, Santos Jr. alargou a escavação, escavou para fora do corredor e descobriu que as paredes externas do corredor possuíam calços e eram mais mal feitas que as internas (Santos Jr.: 1975; 435) (ver a parede do lado esquerdo bastante bem construída, fig. 13) e que a uma das paredes do corredor – não é referida qual – se adossavam outras paredes que pareciam pertencer a habitações (Santos Jr.: 1975; 437). Santos Jr. apercebe-se da complexidade do sítio, pede fundos para uma 3ª intervenção em 1954 ou 1955, mas esse fundo não lhe é concedido e nesse tempo de espera o proprietário – que nunca aceitou de bom grado a escavação –, destrói os vestígios arqueológicos.

Apesar de Santos Jr. se ter apercebido da complexidade do sítio nas publicações seguintes (Santos Jr.: 1975a e b; 1984a e b, 1985) reflecte mais a sua opinião pessoal: a de que de facto tinha encontrado um “santuário” onde se prestava culto ao berrão e que era constituído por uma câmara e um longo corredor de acesso (fig. 12), mas que nunca pôde deslindar por novas escavações.

5.1. Materiais da escavação realizada no “Castelar”

Os materiais recolhidos na escavação realizada no “Castelar”¹⁹ (pois assim denominava Santos Jr., o esporão do Puio), eram em número reduzido tendo em conta a extensão da escavação e o facto de as terras terem sido todas peneiradas (Santos Jr.: 1975). Contabilizamos 51 fragmentos cerâmicos (23 formas cerâmicas), 28 artefactos metálicos (alguns são meros fragmentos de objectos), 2 fragmentos de vidro, dois pacotes com terra da escavação e três com fragmentos de ossos²⁰. Também fazem parte do espólio desta escavação uma moeda de Constâncio II, batida

¹⁹ Encontram-se actualmente à guarda do Instituto Mendes Corrêa, na Faculdade de Ciências, Universidade do Porto.

²⁰ Foi realizado um pequeno estudo dos ossos encontrados no “Castelar” publicado em Santos Jr.: 1975. Este estudo revelou a presença de bóvidos, suínos, pequenos ruminantes (caprinos e ovinos) e coelho, portanto uma grande variedade de animais presentes. Esta variedade encontrava-se aliada a uma grande fragmentação dos ossos que indicava a preparação de refeições. Santos Jr era de opinião que estas refeições tinham um carácter ritual e que tinham sido usadas como oferendas no monumento de culto.

na casa da moeda de Constantinopla, cunhada nos meados do séc. IV (Santos Jr.: 1975; 432), uma agulha e um fragmento de placa, todos em liga de cobre (fig. 16), que se encontram na Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo, integradas no acervo de Santos Jr.²¹

5.1.1. Cerâmica

A descrição das cerâmicas, nomeadamente das suas pastas, encontra-se intimamente relacionada com o estudo dos materiais recolhidos em prospeção em 2001. Assim sempre que seja referida uma determinada pasta, esta encontra-se descrita em mais pormenor no capítulo dos materiais de prospeção.

As cerâmicas sem forma nem decoração provenientes desta escavação eram as seguintes: 4 fragmentos de imbrex, 2 de tégula, 1 fragmento romano de grandes dimensões com escória agarrada, 2 de sigillata, 4 fragmentos romanos (pasta A), 2 de cerâmica fina vermelha – provavelmente sigillata com a superfície deteriorada, 3 fragmentos muito deteriorados manuais (pasta E), 5 fragmentos manuais, de superfícies alisadas – um possui superfície interna polida –, de cor castanha (pasta C) e 2 fragmentos a torno (pasta C).

Os vasos a torno da pasta C não estavam presentes nas cerâmicas de superfície e, no Crasto de Palheiros, os vasos manufacturados com pasta III são manuais. No Puio a introdução do torno pode, numa primeira hipótese, ter-se dado eventualmente mais cedo, algo relacionado com a proximidade dos povos da Idade do Ferro da Meseta Espanhola, – que terão introduziram o torno mais cedo (Arroyo: 1986, Lorrio: 1997). Numa segunda hipótese a utilização do torno pode ter sido realizada mais tardiamente, em pastas já há muito conhecidas e usadas, tendo a introdução do torno induzido inovações ao nível de criação de novas pastas.

Todos os fragmentos com forma provenientes desta escavação foram desenhados e descritos em pormenor (ver tabela 3 e fig. 7)²². O estudo destas formas revelou o seguinte: 32 % do conjunto pertence às pastas A e B, 44 % pertence às pastas C e E, 8 % são sigillatas e 16 % são pasta D (gráfico 5). Estes dados revelam, em primeiro lugar, que os materiais foram todos misturados, pois aparecem provenientes da mesma escavação, e sem identificação de camada, cerâmicas pré-históricas e sigillata africana. Terá que se referir que esta mistura foi realizada pelo próprio Santos Jr., porque os materiais foram enviados para o Instituto Mendes Corrêa com a mesma identificação que possuem ainda hoje.

Em segundo lugar, há uma predominância evidente da pasta C e de formas manuais, ainda que algumas realizadas em pasta B.

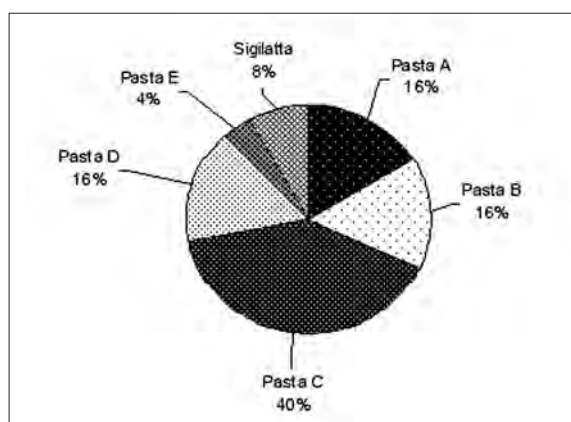


Gráfico 5 – Distribuição das pastas nas formas presentes no espólio da escavação de Santos Jr., realizada na estação Puio em 1952 e 1953.

²¹ Estes dois materiais não se encontram no Instituto Mendes Corrêa porque Santos Jr não os chegou a enviar juntamente com o outro espólio.

²² Tem que se referir que nenhum dos fragmentos cerâmicos estudados no Instituto Mendes Corrêa foi fracturado. Optamos por analisar os fragmentos sem os fracturar, pois eles fazem parte do acervo do Museu. Para além desta razão pensamos que o estudo não foi prejudicado porque conhecíamos bem as características das cerâmicas encontradas à superfície, na estação do Puio.

Pensamos que este conjunto não é fiável em termos estatísticos, porque é muito pequeno e pode estar eventualmente viciado pela selecção de Santos Jr., que recolheu e enviou para o Instituto o material arqueológico.

O elevado número de formas cerâmicas, 25 formas no conjunto de 51 fragmentos revela que Santos Jr. apenas recolheu algum material e que deu mais importância aos fragmentos que revelassem as formas dos recipientes.

A predominância de cerâmicas manuais e de pasta C pode revelar também aspectos peculiares na recolha. Numa primeira hipótese, Santos Jr. recolheria cerâmicas manuais numa percentagem proporcionalmente superior à do total das camadas, talvez porque era um amante da Idade do Ferro. Numa segunda hipótese, e tendo em conta que as formas a torno são 11 de 25 (44 %), Santos Jr. teria recolhido um número proporcionalmente maior de cerâmicas a torno do que existiria na realidade. Pensando que na escavação seriam dominantes as cerâmicas manuais proto-históricas, Santos Jr. recolheria com menos sensibilidade as cerâmicas proto-históricas e escolheria com um pouco mais de atenção as cerâmicas mais tardias.

De qualquer forma, é impossível sabermos o que levou este conjunto possuir determinadas características. Este conjunto é muito heterogéneo, não possui unidade, isto é, as cerâmicas aparecem juntas mas “não parecem ser da mesma estação”, apesar de sabermos que o são. Algumas das formas como a 8, 9, 12, 18, 19, 22 (fig. 7) são bons exemplares, possuem tratamentos de superfície claros, não são ambíguas²³ na classificação das pastas e encontram-se em bom estado. Pensamos que algumas das formas foram escolhidas pela sua beleza.

Tendo em conta o que foi dito, este conjunto não caracteriza o sítio, apenas nos ajuda a perceber o que nele existe e nos revela que a recolha não foi conduzida por uma metodologia actualizada.

Tabela das formas presentes na fig. 7						
N.º	Tipo	Pasta	Trat. Sup	Cor	Diâmetro	Fabricao
1	Asa	D	Pol/Pol	P/P		Manual
2	Indeterminado	B	Ali/Ali	VE/VE		Manual
3	Bordo	E	Nf/Nf	P/P	28,2	Manual
4	Bordo	C	Nf/Ali	P/P	25,6	Manual
5	Bordo	B	Ali/Ali	VE/VE	33,6	Manual
6	Bordo	C	Ali/Pol	VE/P	18,2	Manual
7	Bordo	B	Ali/Ali	C/C	17,4	Manual
8	Bordo	C	Rug/Ali	C/C	14,8	Manual
9	Bordo	C	Ali/Ali	VE/VE	11,8	Manual
10	Fundo	C	Ali/Ali	P/P	10	Manual
11	Bordo	C	Rug/Pol	P/P	16,2	Manual
12	Bordo	C	Rug/Ali	P/P	?	Manual
13	Bordo	C	Ali/Nf	C/P	12,4	Manual
14	Fundo	C	Pol/Ali	P/P	10	Manual
15	Bordo	A	Ali/Ali	C/C	67,4	Torno
16	Bordo	A	Ali/Ali	VE/VE	32	Torno
17	Bordo	B	Ali/Ali	C/C	15	Torno
18	Bordo	C	Pol/Ali	P/P	11,2	Torno
19	Bordo	D	Ali/Ali	VE/VE	8,2	Torno
20	Prato	Sigillata		VE/A/VE	F – 14,4	Torno
21	Decorado	Sigillata				Torno
22	Bordo	D	Ali/Ali	P/P	11,8	Torno
23	Fundo	A	Esp/Ali	P/P	7,8	Torno
24	Prato	D	Ali/Ali	VE/VE	F – 13,8	Torno
25	Prato	A	Nf/Ali	P/P	F – 12,2	Torno

Tabela 3 – Descrição das formas presentes no espólio da escavação de Santos Jr. (à guarda do Instituto Mendes Correa, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto), na estação Pujo, correspondem aos desenhos da fig. 7.

²³ O que queremos dizer com não ambiguidade, é que estes fragmentos possuem pastas muito homogéneas e portanto de fácil identificação e caracterização.

5.1.2. Metais

Ao nível dos materiais metálicos, foram encontrados 21 elementos em liga de cobre²⁴, sendo 12 identificáveis e 9 não identificados. Os não identificados são fragmentos de que não podemos dizer o tipo de artefacto a que pertencem. Foram também encontrados 13 elementos em ferro, sendo que 5 são identificáveis. Os fragmentos em ferro são mais difíceis de identificar pois a deterioração natural do ferro, veio arruinar por completo a superfície do objecto e muitas vezes a sua forma. Todos são descritos no Quadro descritivo dos artefactos metálicos do “Castelar” – Picote.

Os objectos em liga de cobre 1, 2 e 3 são fíbula (fig. 8). A fíbula n.º 1 possui semelhanças com as do Tipo Ponte 5 (Ponte: 2001, 149), de “arco roliço” ou de “arco pleno”. Esta fíbula possui um arco morfologicamente semelhante ao do tipo referido, e uma mola unilateral de 3 espiras. No entanto difere do tipo Ponte 5 no descanso de forma rectangular e ligeiramente alongado – que neste tipo é curto, em forma de estribo e não ultrapassa a largura do arco. A fíbula n.º 1 do Puio não se encontra decorada algo que é bastante usual nas fíbulas de tipo Ponte 5.

Apesar de algumas diferenças evidentes entre a fíbula n.º 1 e o tipo 5, valorizamos nesta fíbula do Puio a morfologia do arco e a mola unilateral, desvalorizando a morfologia do descanso e a falta de decoração. A morfologia do arco é importante porque revela o aspecto geral da fíbula – é aquilo que todos vêem – ao contrário da morfologia do descanso, que é apenas um pormenor com pouca visibilidade social, ainda que possa revelar uma técnica local ou regional. A mola é uma técnica com indicações de cronologia relativa e a decoração do arco ou a falta dela é apenas considerado por nós um pormenor de cariz regional. Assim tendo em conta todos estes factores consideramos que esta fíbula não poderá ser posterior ao séc. VI a. C. pois as fíbulas de arco roliço são introduzidas na Península Ibérica entre o séc. VIII-VII a. C. e por volta do século V, as fíbulas vão sofrer uma mutação estrutural ao nível da mola, que se torna bilateral (Ponte: 2001).

A fíbula n.º 2 (fig. 8) do Puio possui semelhanças com o Tipo Ponte 11 (Ponte: 2001, 189) “Golfo de Leão”, mais propriamente com o tipo 11b, de arco laminar de forma losangonal. Esta fíbula possui um descanso que, neste caso, se encontra partido e portanto não podemos saber se este seria longo e com ou sem apêndice caudal. A mola encontra-se também partida e o que dela resta está bastante deteriorado, logo não podemos saber qual o tipo da mola. De uma forma geral, o aparecimento deste tipo de fíbula na Península Ibérica dá-se entre o séc. VII e VI a. C. (Ponte: 2001, 189). Pensamos que no caso do Puio esta fíbula possa estar mais associada ao séc. VI-V a. C., devido à cronologia da outra fíbula encontrada na escavação (fíbula n.º 3).

A fíbula n.º 3 (fig. 8) do Puio possui semelhanças ao nível do arco e do descanso com o Tipo Ponte 4 (Ponte: 2001, 143) “arco em sanguessuga”. A fíbula n.º 3 possui um arco volumoso e cavado, com secção em forma de sanguessuga, feito por molde bivalve e sem decoração; o descanso é tubular, em forma de meia cana. A única diferença evidente entre a fíbula n.º 3 e o tipo Ponte 4 é o tipo de mola. Neste caso esta diferença é essencial para uma indicação cronológica da fíbula. As fíbulas tipo Ponte 4 possuem molas unilaterais (de tradição do Bronze Final) e são introduzidas na península Ibérica entre o séc. VIII-VII a. C. A fíbula n.º 3 possui uma mola bilateral com eixo, sendo que este tipo de mola é associado à II Idade do Ferro, a partir do séc. V-IV a. C. Assim sendo, apesar do aspecto do arco, pensamos que esta fíbula terá uma cronologia que parte do séc. V a. C. cremos que o aspecto arcaizante do arco estará relacionado com um gosto estético local ou regional.

O objecto n.º 4 (fig. 8) é uma placa de pequenas dimensões, decorada com duas bandas de triângulos, preenchidos com três pérolas, delimitados por duas caneluras finas. Esta peça foi fabri-

²⁴ Contando com os três elementos guardados na Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo

N.º	Artefactos	Descrição	Metal
1	Fíbula	Fíbula de arco roloço, de secção quase circular, com descanso alongado de forma rectangular, e com mola unilateral de três espiras. Não possui fusilhão, nem decoração.	Liga de cobre
2	Fíbula	Arco de fíbula alongado, achatado com forma losangular, de secção laminar, também losangular. A extremidade que ligaria ao eixo encontra-se bastante corrodida, não sendo possível perceber como seria a ligação a este. O descanso encontra-se partido, sendo que não podemos dizer se seria alongado. Não possui fusilhão. Objecto não decorado, apresentando apenas uma leve canelura longitudinal que percorre todo o arco da fíbula. O arco encontra-se fracturado a meio. Aparentemente parece ter sido fabricado por forja.	Liga de cobre
3	Fíbula	Arco de fíbula com secção de sanguessuga, que terminapor um lado numa anilha onde se seguraria o eixo, e por outro no descanso, alongado e dobrado em meia cana. Não apresenta eixo, que seria externo e bilateral, nem fusilhão. Objecto fabricado por processo de fundição.	Liga de cobre
4	Placa decorativa	Placa de forma subrectangular, com dois orifícios apostos, de arestas fracturadas. Apresenta na superfície externa uma decoração realizada por estampagem e incisão a quente. A decoração é caracterizada por duas bandas de triângulos, preenchidos internamente por três pérolas, triângulos estes que se seguem uns aos outros continuamente, guiados por uma linha incisa previamente fixada para a realização da estampagem dos triângulos. As duas filas de triângulos são separadas por uma linha incisa fina que liga os dois orifícios. Os orifícios encontram-se bem cabados, sem rebarbas. A superfície interna é lisa.	Liga de cobre
5	Anel	Aro de secção subrectangular, sem decoração, fabricado por processo de fundição.	Liga de cobre
6	Adorno ?	Objecto de adorno constituído por dois elementos. O primeiro, uma placa de forma e secção rectangular, laminar, que possui dois orifícios, apostos, nas extremidades de menor dimensão. O segundo, um placa de forma ovalada, de secção laminar, com dois braços mais volumosos, de secção quadrangular e dobrados, que se podem prender na placa rectangular através dos dois orifícios.	Liga de cobre
7	Placa decorativa	Placa de forma e secção rectangular, é um paralelepípedo. Apresenta extremidades bem acabadas, polidas e tratadas. Uma das superfícies maiores (externa?) apresenta decoração, sendo que a face aposta é lisa. A decoração é constituída por várias caneluras finas, longitudinais, paralelas entre si. A corrosão da peça destruiu quase a totalidade da decoração e por isso não podemos afirmar que a decoração fosse apenas constituída por caneluras. Um dos extremos mais pequenos possui um pequeno apêndice de forma circular.	Liga de cobre
8	Botão	Peça de reduzidas dimensões, de forma circular, e côncava. Possui um orifício no centro, bastante bem acabado, sem rebarbas. A superfície externa, convexa é polida e a interna, côncava foi pouco tratada encontrando rugosa.	Liga de cobre
9	Pingo de fundição	Pingo de forma ovalada e de secção subrectangular.	Liga de cobre
10	O.N.I.	Fragmento fracturado em todas as suas arestas. Tem forma vagamente triangular, com um volume circular aplicado no centro desse triângulo. Este elemento encontra-se bastante corrodido. O objecto parece ter sido fabricado por forja.	Liga de cobre
11	O.N.I.	Fragmentos de placas de reduzidas dimensões, sem forma aparente, de secção laminar, muito fina. Todas as extremidades se encontram fracturadas.	Liga de cobre
12	O.N.I.	Fragmento fracturado num dos lados é original (o de cima no desenho) o outro encontra-se quebrado (o de baixo) de forma vagamente rectangular, com secção subrectangular. Apresenta uma superfície (externa?), ligeiramente abobada, com uma canelura longitudinal. A superfície contrária encontra-se menos tratada (polida) e é lisa. Objecto aparentemente fabricado por forja.	Liga de cobre
13	Moeda	Objecto de superfície plana, de forma circular e de secção subrectangular. Não decorado e sem marcas.	Liga de cobre
14	Cinzel	Instrumento de reduzidas dimensões, de forma rectangular e de secção quadrangular. Uma das extremidades é quadrangular e a outra é alongada e de secção rectangular. As extremidades são bastantes lineares e bem acabadas, não possuindo nenhum tipo de fractura.	Liga de cobre
15	Pinça	Pequeno instrumento constituído por duas hastes flexíveis, de secção rectangular, unidas por uma anilha de secção circular. Apresenta um pequeno aro de secção rectangular, que segura as duas hastes. Objecto não decorado.	Liga de cobre
16	Rebite	Rebite de grandes dimensões (c. de 2 cm de altura), com cabeça circular e volumosa e pé afunilado.	Ferro
17	Rebite	Rebite de grandes dimensões (c. de 1.5 cm de altura), com cabeça circular e volumosa e pé afunilado.	Ferro
18	O.N.I.	Instrumento(?) em forma de paralelepípedo imperfeito, de secção losangular. As superfícies encontram-se bastante lisas, não mostrando evidências de quebra, o que pode indicar um objecto completo.	Ferro
19	O.N.I.	Fragmento de objecto de forma rectangular com secção subrectangular. Apesar de se encontrar muito fragmentado possui um aspecto laminar que se nota na reentrância da sua secção.	Ferro
20	O.N.I.	Fragmento de objecto, de forma subrectangular e de secção triangular. Encontra-se com todas as suas extremidades quebradas. E a face desenhada mostra uma leve concavidade.	Ferro
21	O.N.I.	Fragmento de aspecto laminar, apesar de não uniforme. Possui uma secção triangular, lembrando uma lâmina, mas também possui uma secção rectangular, como se fosse parte de um cabo. Todas as extremidades se encontram quebradas.	Ferro
22	Prego	Prego de grandes dimensões (c. de 4 cm de altura).	Ferro
23	O.N.I.	Fragmento de objecto, de forma rectangular com secções entre o circular e o subrectangular. Apenas uma das extremidades se apresenta quebrada.	Ferro
24	Cinzel	Instrumento de reduzidas dimensões, de forma rectangular e de secção quadrangular. Uma das extremidades menores é quadrangular e a outra é alongada e de secção rectangular. Todas as extremidades encontram-se bastante deterioradas, no entanto apontamos a que este objecto esteja completo, devido à sua forma.	Ferro
25	O.N.I.	Pequeno instrumento de forma rectangular, de secções entre o quadrado e o rectangular. Uma das extremidades menores possui acabamento afunilado e com uma marca convexa.	Ferro
26	O.N.I.	Fragmento de objecto, de forma quadrangular e secção rectangular. Apresenta-se todas as extremidades com extraordinária suavidade. Apesar de não aparentarem estar quebradas pensamos que tal aspecto se deve ao tratamento de restauro.	Ferro
27	Gancho	Fragmento de objecto, de secção quadrangular, com forma de gancho. A extremidade oposta à extremidade que se assemelha a um gancho, encontra-se quebrada.	Ferro
28	Arco	Fragmento de objecto, em forma de arco, de secção sub-circular. Encontra-se parcialmente completo, estando apenas quebrado nas suas extremidades menores.	Ferro

cada através de forja, tanto a placa em si como a decoração. Os motivos triangulares foram martelados um a um, o que levou a pequenas sobreposições e a desfasamentos em cada um dos triângulos em relação aos outros. Os furos foram feitos a frio, sendo que na face interna (não decorada) se podem ver ainda rebarbas. As caneluras finas são incisadas, provavelmente realizadas aquando do martelamento dos triângulos. E, por fim, toda a placa está partida, isto é, todas as arestas se encontram fracturadas.

Este fragmento poderia pertencer, eventualmente, a uma placa de maiores dimensões, de cariz decorativo. A excessiva fragmentação tal como a falta de modelos com que comparar o objecto 4 (tal como o 6 e o 7) impossibilita o estabelecimento da sua funcionalidade. Acreditamos que estes fragmentos (4, 6, 7) poderiam constituir elementos ornamentais compostos que privados do suporte orgânico que lhes daria sentido permanecem de difícil interpretação. No entanto, gostaríamos de referir que o objecto n.º 4 poderia ser aplicado em cinturões feitos de materiais perecíveis, possivelmente de couro, um pouco na mesma linha de fabrico dos diademas-cinturão (Vuelta e Perea: 2001 e Mínguez: 1997, 190-191). O objecto n.º 4 poderia também ser a placa decorativa de determinado tipo de fíbulas muito presentes e marcantes da cultura da Idade do Ferro da Meseta Oriental, nomeadamente dos povos denominados de Celtibéricos (Lorrio: 1997). Estas fíbulas, descritas em pormenor por José Argente Oliver (Oliver: 1994, 96-100), são compostas por duas partes. A fíbula em si – o emaranhado de arames que actua como suporte – e a placa decorada – que se agrega à fíbula –, dando como resultado uma fíbula ricamente ornamentada (Oliver: 1994, 96). Este tipo de fíbulas (denominada de tipo 9 de Oliver) possui vários subtipos, dos quais destacamos *aqueles que mais se assemelham ao objecto 4 de Picote*: o subtipo B1, com placa rectangular; o B2, com placa circular; o B3, com placa lobulada e B4 com placa rectangular de duplo resorte. As decorações destas placas são feitas a incisão e puncionamento (sendo que muitas apresentam “pontilhados”) e a temática decorativa é essencialmente geométrica. Estas fíbulas são de tradição centro-europeia, mais propriamente similares a elementos culturais de Hallstatt, com uma cronologia que se situa no séc. VIII a. C. Na Península Ibérica os achados possuem uma cronologia algo posterior (Oliver: 1994, 100). Em qualquer das hipóteses interpretativas apresentadas para o objecto 4 de Picote este pertenceria sempre a um período claramente inserido na Idade do Ferro.

As analogias feitas são apenas formais pois a decoração dos objectos da Idade do Ferro é sobretudo local (Pinto: 2003) e prende-se com múltiplos aspectos e escolhas – culturais, estéticas e técnicas – que de momento e em relação a este sítio, não poderemos esmiuçar. Podemos dizer que este tipo de decoração é muito usual em toda a Idade do Ferro do Norte da Península Ibérica, tanto nas cerâmicas (Silva: 1986, ver vol. das estampas) como nos metais (Ponte: 2001). As bandas de triângulos sucessivos e preenchidos de diversas formas – tanto com linhas como com pérolas (3 ou 9 – como ocorre num brinco do Crasto de Palheiros – Pinto: 2003) é uma temática corrente desde o início da Idade do Ferro até à romanização.

Assim, não podemos precisar uma cronologia estreita para este fragmento que devido às suas características poderá ocorrer desde o séc. VI ao I a. C. Parece-nos que está ligado formalmente aos objectos de adorno da Meseta, e esteticamente, devido à simplicidade do motivo, não podemos dizer claramente se revela uma influência das decorações usadas na Idade do Ferro do norte Litoral de Portugal.

O objecto n.º 5 (fig. 8) é um anel, sem qualquer tipo de decoração para o qual não pode ser indicada uma cronologia.

Os objectos n.º 6 e 7 (fig. 8) não foram totalmente compreendidos. Como já foi referido pensamos que farão ambos parte de objectos de adorno com vários elementos metálicos e com suportes em materiais perecíveis. O objecto n.º 8 (fig. 8) pode ser um botão, um simples botão de roupa, mas pode também fazer parte de uma fíbula tipo Meseta (Ponte: 2001) com apêndice caudal em

campânula, presente por exemplo, na Necrópole de Las Ruedas em Valladolid (Mínguez: 1997), ou, eventualmente, fazer parte de outro género de peças decorativas que usem este elemento.

Os objectos n.º 10, 11, 12 (fig. 8) e a placa presente na Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo (fig. 16) podem fazer parte de um caldeiro metálico. O objecto 12 (fig. 8) pode ser um bordo de caldeiro, que possui semelhanças com os bordos dos caldeiros presentes no Castro de Palheiros (Pinto: 2003) e com os da Necrópole de Las Ruedas (Mínguez: 1997). Devido à exposição a incêndios, em ambos os casos, aparecem muito fragmentados. Teremos que fazer notar que também Santos Júnior encontrou níveis de incêndio bastante carbonizados, algo que pode estar relacionado com a fragmentação destas placas de espessura fina (entre 1 a 2 mm). Os objectos com o n.º 11 (fig. 8) são fragmentos de placas que tanto poderiam pertencer a caldeiros como a outros objectos. O objecto n.º 10 é uma placa com um elemento deteriorado, do qual não podemos dizer se é decoração, se é algo com alguma funcionalidade. Todas estas placas têm uma espessura similar, são muito finas, tal como as placas dos caldeiros do Crasto de Palheiros (Pinto: 2003). Colocando a possibilidade de que estes fragmentos pertenceriam a um caldeiro metálico apenas podemos referir que os caldeiros são usados durante o Bronze Final, perduram durante toda a Idade do Ferro (Pinto: 2003) e persistem no período romano já com uma manufactura mais cuidada e com elementos decorativos mais evoluídos, como os medalhões. Assim, não podemos apontar uma cronologia para estes caldeiros, apenas podemos dizer que tendo em conta os restantes elementos encontrados pensamos que pertenceram à Idade do Ferro.

O objecto 13 (fig. 9) é um objecto que serviria para medir algo, provavelmente valores. Serviria como uma moeda, no entanto não se encontra cunhada. Pensamos que será um elemento de troca de valores, apesar de ser em liga de cobre e portanto bastante leve. Em termos cronológicos pensamos que este objecto se integrará na Idade do Ferro. O objecto 14 (fig. 9) é um pequeno cinzel servindo, provavelmente, para realizar algumas decorações nos objectos metálicos em liga de cobre. E o objecto 15 é uma pinça. Cremos que os objectos 14 e 15 poderão ter uma cronologia romana pois são objectos funcionais e portanto são utilizados em ambos os períodos (tal como a agulha). Assim estes três últimos objectos tanto podem ser romanos como da Idade do Ferro, apesar de Santos Júnior afirmar que a agulha era sem dúvida da Idade do Ferro (Santos Jr.: 1975).

A moeda encontrada nesta escavação e estudada apenas por Santos Jr. foi identificada como uma moeda de Constâncio II, batida na casa da moeda de Constantinopla, cunhada nos meados do séc. IV (Santos Jr.: 1975; 432). Esta moeda está um pouco desfasada dos outros materiais metálicos em liga de cobre, pois estes revelam ser da Idade do Ferro e a moeda é romana tardia. Tal facto pode estar associado a uma recolha muito selectiva dos materiais de escavação, o que levou a serem recolhidos apenas aqueles a que se dava valor. Ao mesmo tempo não há sequência estratigráfica associada a estes materiais que possa elucidar as relações entre eles. Apesar de sabermos que estes materiais provem de uma escavação, repetimos, não possuímos mais nenhum tipo de informação acerca do seu contexto.

Em conclusão, os objectos são no conjunto bastante pobres, quer dizer, são pouco decorados, o que nos dá poucas indicações culturais e cronológicas. Os únicos elementos que podem indicar uma cronologia mais precisa, ainda que relativa, são as fíbulas, e, eventualmente, o objecto n.º 4 – a placa decorativa – que indicam um período entre o séc. VII e V a. C. Todos os outros elementos pertencem a objectos usados durante toda a Idade do Ferro, o que não ajuda a precisar a fundação do povoado. A pobreza ou simplicidade destes objectos, em liga de cobre, une-os de certa forma e eles formam um conjunto bastante homogéneo a nível estético e mesmo formal. Somos de opinião que no geral este conjunto possa ter uma cronologia entre o séc. VI e IV a. C.

Em relação aos fragmentos em ferro, podemos dizer que dos 13 objectos desenhados apenas 4 são identificáveis. Os objectos 16 e 17 (fig. 9) são rebites, o objecto 22 (fig. 10) é um prego e o

objecto 27 (fig. 10) parece-nos um gancho. Pensamos que estes elementos em ferro são tardios dentro da Idade do Ferro e mesmo alguns poderão ser romanos, como o prego.

Os objectos em ferro são utilizados durante toda a Idade do Ferro, com alguma visibilidade nos povoados da Meseta Central e Oriental (área Celtibérica). Esta presença não é assim tão evidente nos povoados da Meseta Norte (Arroyo: 1986) e nomeadamente em Crasto de Palheiros, em Trás-os-Montes. Cremos que no Puio, e tendo em conta que o Puio se insere já numa área de transição entre as culturas do Ferro da Meseta Espanhola e as do Litoral Português, os objectos em ferro poderão ter já uma cronologia romana.

5.2 Conclusões do estudo efectuado à escavação de Santos Jr. no “Castelar” em 1952/1953.

Após o estudo da documentação²⁵ e do material arqueológico proveniente desta escavação, chegamos às seguintes conclusões.

Em primeiro lugar, este estudo revelou uma escavação com uma área muito reduzida, resumia-se a uma vala de 9 m por 1,5 m, rematada por um círculo de cerca de 3 m de diâmetro. Esta vala foi escavada sem quadriculado e sem preocupações com a estratigrafia. Os materiais arqueológicos apresentam-se misturados, quer dizer, há uma mistura total de materiais que por princípio estariam em contextos distintos, como é o caso de 3 fíbulas balizadas entre o século VII-IV a. C. e sigillata africana do século IV d. C.

Em segundo lugar, a escavação de uma área muito reduzida pode não ter permitido compreender totalmente a complexidade do contexto do berrão. Santos Jr. defendeu sempre que tinha escavado um santuário de culto a um berrão, no entanto, aparentemente, baseou esta opinião, não em evidências arqueológicas mas sim nas afirmações dos populares (que provavelmente diziam aquilo que ele queria ouvir e não a realidade dos factos) e numa escavação muito parcial. Senão vejamos. Em primeiro lugar, as paredes da câmara circular não foram encontradas (os populares disseram que a tinham destruído sem intenção, aquando da retirada do berrão). Em segundo, o espólio cerâmico proveniente da vala é constituído tanto por vasos de pequena dimensão (fig. 7, n.º 9, 12, 18, 19, 22) como vasos de grande dimensão (fig. 7, n.º 5 e 16), aparecendo desde cerâmica pré-histórica até cerâmica romana. Por um lado, Santos Jr. afirmava que os vasos pequenos tinham servido para oferendas (Santos Jr.: 1975), no entanto alguns dos vasos presentes na colecção, podem ser vasos de armazenamento (fig. 7, n.º 5, 6, 16). Por outro lado, a existência de cerâmica pré-histórica misturada com cerâmica romana não ajuda sequer à caracterização da vala. Quer dizer, o espólio arqueológico não permite uma caracterização tipológica ou cronológica. Em terceiro, o incontável número de ossos (que infelizmente continua sem ser devidamente estudado) era para Santos Jr. evidência de que eram realizadas naquele sítio oferendas que envolviam animais, no entanto outras hipóteses poderiam ter sido colocadas. Os ossos podiam ser simplesmente os restos das refeições e provirem de habitações nas proximidades ou do local que foi interencionado em 1952.

Em quarto lugar a presença no corredor de terras muito queimadas era evidência, para Santos Jr., de que eram realizados no local cultos que envolviam fogo. No entanto o estudo dos 2 pacotes de terra enviados para o Instituto Mendes Corrêa revelou o seguinte: a terra recolhida a 90 cm de profundidade era de cor castanha-escura, de aspecto arenoso, com muitas pedras (alguma cascalheira), com muitos carvões de médio tamanho, onde encontramos um fragmento pequeno de cerâmica pré-histórica e um fragmento de osso. A terra recolhida a 2,2 m possuía características

²⁵ A documentação desta escavação resume-se às publicações da autoria de Santos Jr. Apesar de termos procurado um possível caderno de campo no acervo de Santos Jr, na Biblioteca Municipal de Moncorvo, este não foi encontrado. Procuramos por este possível caderno na totalidade do acervo, no entanto temos que referir que alguns cadernos pessoais de Santos Jr. continuam lacrados e só serão revelados ao público daqui a alguns anos. Talvez nesses cadernos se possa encontrar mais informação sobre esta escavação.

completamente distintas da primeira, era uma terra de coloração cinzenta, com poucos carvões grandes, muito fina, muito porosa e argilosa. A primeira é uma terra similar, em aspecto, ao solo humoso, a segunda era já um nítido estrato arqueológico. Cremos que o que as unia, ao ponto de serem enviadas por Santos Jr. para o Instituto, era o facto de que ambas possuírem carvão e eram terras carbonizadas, no entanto somos de opinião que não podem ser lidas da mesma forma. Santos Jr. baseou-se nestas terras carbonizadas para alicerçar a sua teoria de culto com fogo. Contudo, ao serem terras diferentes e ao não ser especificada a estratigrafia não podemos associá-las a uma ideia interpretativa correcta.

Em quinto lugar, Santos Jr. baseou a sua imagem do santuário num corredor que ele próprio procurou, e que não pôde – devido a factores externos – alargar. Aparentemente existiam evidências arquitectónicas que apontavam para uma maior complexidade do local: as paredes internas do corredor eram mais perfeitas que as exteriores, e as exteriores possuíam calços; uma das paredes do corredor possuía um outro troço perpendicular – que provavelmente delimitava um espaço – mas que não chegou a ser escavado.

Assim Santos Jr. poderia ter defendido que estava num local com bastante complexidade arquitectónica, complexidade essa que uma escavação alargada poderia ajudar a definir melhor, que poderia até ter escavado uma zona habitacional, com casas providas de socos de pedra, pois as estruturas desenterradas e registadas por ele por serem arqueologicamente ambíguas admitiam outra interpretação alternativa. Ter casas, ou ser um povoado (algo evidenciado até pelas cerâmicas e pelos adornos), não impediria que não tivesse existido naquele local uma peanha ou algo formalizado com um berrão.

6. CONCLUSÕES GERAIS

A estação arqueológica do Puio é um esporão alongado sobranceiro à encosta abrupta do rio Douro. Este esporão forma como que um palco que remata sobre o vale uma área aplanada que foi objecto, toda ela, duma longa ocupação humana desde a Pré-História à actualidade. Esta área aplanada levemente descendente é onde se localiza a actual aldeia de Picote (fig. 3).

O estudo da topografia do esporão aponta para a existência de barreiras naturais e/ou construídas que tivessem sustentado e mantido o topo aplanado (fig. 4). Concluímos que é possível a existência de um muro contínuo ou alternado com penedos, ou então de um talude, que teria contornado o esporão pelo menos do lado nascente, sul e SW (fig. 4). Este limite arquitectónico teria que ser de fundação antiga, provavelmente pré-romano ou mesmo Pré-histórico de forma a que o sítio se tivesse mantido com as características topográficas que o caracterizam.

Assim o esporão é um local construído, de dimensões muito reduzidas, delimitado a Este, Sul e Oeste por arribas muito acidentadas e ao qual se acede unicamente a partir do planalto, a norte. É um local bastante afastado do planalto, com uma visibilidade nula para o planalto, mas em compensação com uma visibilidade total para o rio Douro e suas encostas.

Apesar do Puio ser visto como um sítio que sai fora dos padrões que se conhecem para os povoados da Idade do Ferro regional (Lemos; 1993), este sítio revela uma intensa ocupação, nomeadamente proto-histórica, apesar da sua falta de visibilidade ou domínio sobre um alargado território circundante e da sua aparente fragilidade defensiva.

Consideramos que todo este esporão, incluindo as suas encostas, ou pelo menos 30 metros que rodeiam a sua quebra topográfica no sentido descendente, é extremamente “sensível” do ponto de vista arqueológico, pela grande quantidade de informação arqueológica de índole “arquitectónica” e “sedimentar” que cremos manter. Deste modo, se realmente se pretender proteger, em primeiro lugar, e estudar, em segundo, esta estação, então haverá que ter em conta que toda esta área (parte aplanada, o esporão e suas encostas numa extensão de 30 metros, no

mínimo) é já a estação propriamente dita; os remeximentos no solo, sejam feitos a que propósito forem, destruirão inexoravelmente estruturas e seus contextos sedimentares / arqueológicos, particularmente obras de aterros, desaterros e “restauro de muros” que só de um modo “light” ou pouco consciencioso podem ser considerados meramente de históricos ou actuais. Insistimos, a base de vários muros actuais parece apoiar-se em fundações antigas que urge definir antes da destruição a que parece estar votada esta estação se não houver da parte das entidades competentes (o IPA), da parte das associações locais de protecção do Património (a FRAUGA) e da autarquia (Câmara Municipal de Miranda do Douro) uma atenção muito particular ao real entendimento deste “lugar” do passado, como um documento que atravessou o tempo mas manteve conteúdos patrimoniais de extremo valor e por cuja destruição não queremos ser responsáveis perante a sociedade.

Este texto pretende ser assim um contributo ao entendimento do esporão do Puio, já que, mostrando com a documentação arqueológica existente que aponta para interpretações da ocupação deste sítio com finalidade habitacional e porventura cerimonial (berrões) durante a Idade do Ferro, nunca mais se poderá afirmar que essa documentação é “escassa” ou “pouco informativa”.

Além destas observações, passamos a resumir as interpretações mais pertinentes que nos permitiu este estudo.

Em primeiro lugar, que o esporão teve uma ocupação Calcolítica iniciada pelas estelas antropomorfas e ainda pelo achado duma possível “sepultura” ou esconderijo na encosta leste, de que teria sido recolhida “uma espada” (desaparecida) e um vasinho inegavelmente pré-histórico (datável do 3º mil. AC) Acresce que algumas das cerâmicas por nós estudadas e que decorreram da prospecção assemelham-se nas pastas e formas a cerâmicas Calcolíticas regionais, cerâmicas essas que são bem conhecidas através de escavações.

Em segundo lugar, que este lugar possui uma intensa ocupação durante a Idade do Ferro, iniciada no século VII/VI AC, cronologia essa apontada pelos metais exumados por Santos Jr. e cujo estudo crono-tipológico foi também objecto deste texto.

Em terceiro, que a cerâmica recolhida por Santos Jr. e por nós aponta também para uma ocupação intensa e diversificada na Idade do Ferro, muito anterior à romanização, mas que se prolonga até à época romana, quer dizer, para um período onde provavelmente a estação do Puio já faria parte de uma área “urbanizada” de maior dimensão que se estenderia pela aldeia até à capela do Santo Cristo e que é documentada pelas 18 lajes funerárias.

Em quarto, que a presença dos berrões pode indicar que este local, cujas cerâmicas e outros artefactos metálicos, bem como uma grande quantidade de ossos, apontam para um sítio complexo. Apontam para um povoado efectivo, independentemente de uma das duas “especificidades” poder residir no facto de integrar áreas mais ou menos formalizadas como “santuários” com os quais se articulariam proximamente os berrões.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer ao Director do Instituto Mendes Corrêa, situado na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, que permitiu o estudo destes materiais e mais especialmente à Dr.^a Maria José Cunha, que nos apoiou e nos deu as condições logísticas para realizarmos este estudo.

Gostaríamos também de agradecer à Dr.^a Helena Ponte, directora da Biblioteca Municipal da Torre de Moncorvo, que nos facultou as fotografias originais da escavação de Santos Júnior e amavelmente nos ajudou a recolher informação e artigos publicados pelo mesmo autor.

Igualmente agradecemos à Associação FRAUGA – Associação para o Desenvolvimento Integrado de Picote –, e ao seu, então, director, Dr. Jorge Lourenço, que apoiou logisticamente todas as equipas de prospecção que trabalharam em Picote.

E em especial, à Professora Maria de Jesus Sanches, que orientou todos os trabalhos de prospecção em Picote e noutras áreas relacionadas com o projecto LADIN²⁶ e incentivou e releu este artigo permitindo a sua melhor conclusão.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1988) – *O domínio Romano em Portugal*, Publicações Europa-América, Sintra.
- ALVES, Francisco Manuel (1934) – *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, tomo X, Porto, págs. 47, 143, 815, 844.
- ALVES, Francisco Manuel (1934) – *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, tomo IX, Porto, págs. 65-71, 152, 475, 600, 684.
- ARROYO, Angel Esparza (1986) – *Los castros de la Edad del Hierro del noroeste de Zamora*, Zamora.
- CARDOZO, Luís (1747) – *Dicionário Geográfico*, Lisboa.
- CENTENO (1987) – *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, Porto.
- FORTES, José (1906) – “As fibulas do Noroeste da Península”, in *Portugalia*, II, Porto, pp. 15-33.
- HÖCK, Martin e COELHO, Luís (1972) – “Materiais metálicos da colecção arqueológica do Museu Abade Baçal em Bragança”, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. VI, Lisboa, pp. 219-250.
- LEMOS, Francisco de Sande (1993) – *Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*, Universidade do Minho, Braga.
- LOPO, Albino Pereira (1897) – “Miranda Archeologica”, *O Archeologo Português*, 1ª série, vol. 3, Lisboa, pp. 212-213.
- LOPO, Albino Pereira (1899-1900) – “Museu Municipal de Bragança”, in *O Archeologo Português*, 1ª série, vol. 5, p. 336.
- LOPO, Albino Pereira (1900) – “Picote (Miranda do Douro)”, *O Archeologo Português*, 1ª série, vol. 5, Lisboa, pp. 143-145.
- LOPO, Albino Pereira (1902) – “Picote (Miranda do Douro)”, *O Archeologo Português*, 1ª série, vol. 7, Lisboa, p. 54.
- LOPO, Albino dos Santos Pereira (1987) – *Apontamentos arqueológicos*, Pref. Francisco Sande Lemos, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, 1987.
- LORRIO, Alberto J. (1997) – *Los Celtiberos*, Universidad de Alicante, Universidad Complutense e Madrid, Alicante.
- MARCOS, Domingos dos Santos (1994) – “Catálogo dos Monumentos e sítios arqueológicos do Planalto Mirandês”, *Brigantia – Revista de Cultura*, vol. XIV, N.º 1/2 – Janeiro/Junho.
- MARCOS, Domingos dos Santos e LEMOS, Francisco Sande (1988) – *Sala-Museu, Mogadouro; Mogadouro, Câmara Municipal de Braga: Unidade de Arqueología da Univ. do Minho*.
- MÍNGUEZ, Carlos Sanz (1997) – *Los Vacceos: Cultura y ritos funerarios de un pueblo prerromano del valle medio del Duero. La Necrópolis de Las Ruedas, Padilla del Duero (Valladolid)*, Memórias Arqueología en Castilla y León 6, Junta de Castilla y León.
- MOURINHO, António Maria (1988) – *Epigrafia Latina aparecida entre Sabor e Douro desde o falecimento do Abade Baçal – 1947*, Bragança.
- OLIVER, José Luís Argente (1994) – *Las fibulas de la Edad del Hierro en la Meseta Oriental (Valoración tipológica, cronológica y cultural)*, Ministerio de Cultura, Dirección general de Bellas Artes y Archivos, Instituto de conservación y restauración de bienes culturales.
- ORTON, Clive, TYERS, Paul, VINCE, Alan (1997) – *La cerámica en Arqueología*, Critica, Barcelona

²⁶ Levantamento Arqueológico do Douro Internacional.

- PINTO, Dulcineia (2003) – “Os artefactos metálicos do Crasto de Palheiros (Murça-Trás-os-Montes) e suas relações com a Proto-História Peninsular”, *Bronze Final y Hierro en la Península Ibérica* (coord. António Blanco, Carlos Cancelo y Ángel Esparza), Ediciones Universidad de Salamanca, Salamanca.
- PINTO, Ruy de Serpa (1931) – “As fíbulas do Museu Regional de Bragança”, in *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vo.l 5, Porto, pp. 90-95.
- PONTE, Salete da (1980) – “A génese das fíbulas do Noroeste Peninsular”, *Actas do seminário de arqueologia do noroeste peninsular*, vol. 2, Barcelos, pp. 111-119.
- PONTE, Salete da (1984) – “Fíbulas de sítios a Norte do rio Douro”, *Lucerna*, Porto, pp. 111-144.
- PONTE, Salete da (1988) – “Que áreas de produção e de distribuição de fíbulas do tipo transmontano e do tipo meseta no nosso país?”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 28 (3-4), Porto, pp.157-164.
- PONTE, Salete da (2001) – *Corpus Signorum das fíbulas proto-históricas e romanas: Portugal* (dissertação de doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras do Porto), Porto (policopiada)
- SANCHES, Maria de Jesus (2001) – Relatório dos Trabalhos Arqueológicos realizados em Picote – Miranda do Douro – 2001. Relatório apresentado ao Instituto Português de Arqueologia.
- SANCHES, Maria de Jesus (2004) – “Representações proto-escultóricas do neolítico e Calcolítico em Trás-os-Montes: o caso das estelas de Picote (Miranda do Douro)”, *Comunicação integrada no 5º Curso Intensivo do programa Europeu de Estudo de Arte Pré-Histórica Europeia, IPT – UTAD, em Freixo de Espada à Cinta*. O artigo acrescentado e alterado, vai ser publicado nas Actas do XV Congresso de UISPP.
- SANCHES, M.J. e PINTO, D.B. (2002) – “O arqueiro da Fraga do Puio (Picote-Miranda do Douro). Estudo de uma estação com arte rupestre no Parque Natural do Douro Internacional”, *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*, vol. 1, Porto, pp. 51-72.
- SANTOS JR., J. R. (1975) – “A Cultura dos berrões no Nordeste de Portugal”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 22, fasc. 4, Porto, pp. 353-516.
- SANTOS JR., J. R. (1975) – “A cultura dos berrões proto-históricos do Nordeste de Portugal (Conferência)”, *Revista de Guimarães*, vol LXXXV, Janeiro-Dezembro, Guimarães.
- SANTOS JR., J. R. (1984) – “The “berrões”, protohistoric stone statues of the boars, worshipped as idols, object of zoolatry”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 24, fasc. 3, Porto, pp. 533-537.
- SANTOS JR., J. R. (1984) – “Dois testemunhos, um galego e outro transmontano, da remota ZOOLATRIA”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 24, fasc. 4, Porto, pp. 689-693.
- SANTOS JR., J. R. (1985) – “A cultura dos berrões proto-históricos fundamente radicada em Trás-os-Montes”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 25, fasc.1, Porto, pp. 31-40.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Câmara Municipal de Paços de Ferreira.
- VASCONCELOS, José Leite de (1895) – “Notícia de antigualhas da Terra de Miranda no séc XVIII”, *O Archeologo Português*, 1ª série, vol. 1, Lisboa, pp. 11-12.
- VASCONCELOS, José Leite de (1898) – “Museu Municipal de Bragança”, *O Archeologo Português*, 1ª série, vol. 4, Lisboa, pp. 153-155.
- VUELTA, Óscar Garcia; PEREA, Alicia (2001) – “Las diademas-cinturón castreñas. El conjunto con decoración figurada de Moñes (Villamayor, Piloña, Asturias)”, *AEspA*, 74, pp. 3-23.



Fig. 1 – Localização da estação do Puio / Castelar no mapa da Península Ibérica.

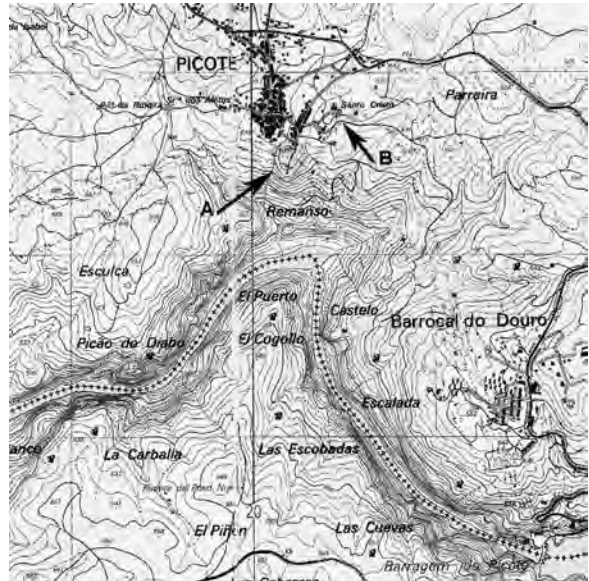


Fig. 2 – Localização da estação do Puio / Castelar (A), e da Capela do Santíssimo Cristo (B) donde provém grande parte das estelas funerárias, (CMP, 1:25000, folha 95, de 1996)

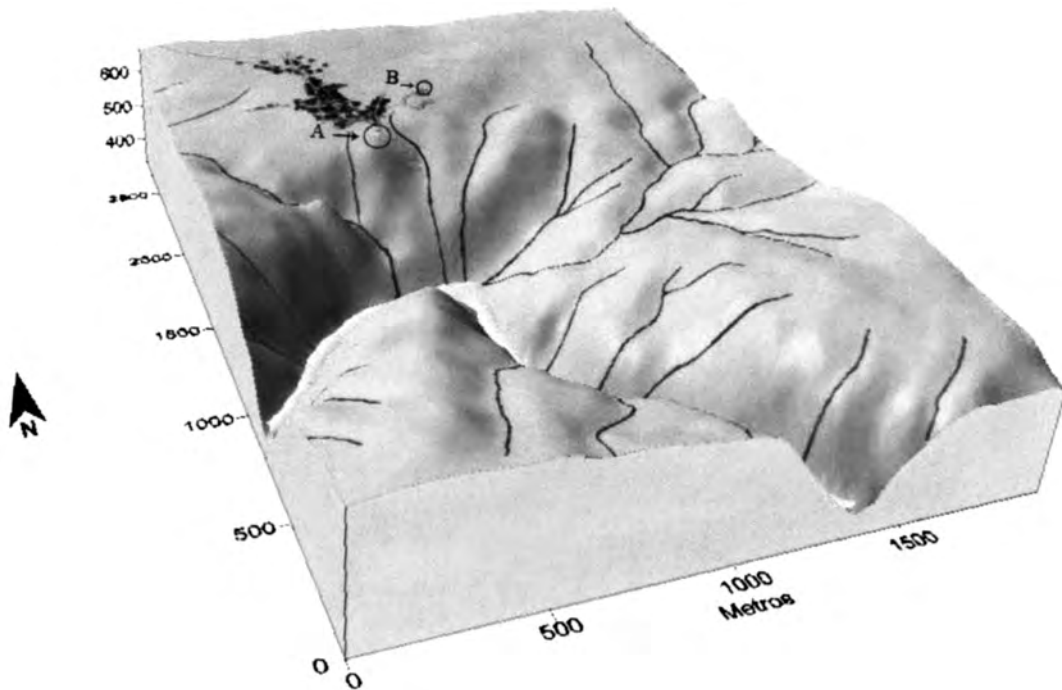


Fig. 3 – Imagem de Picote em 3D, baseada na C.M. de Portugal de fig. 2, (realizada gentilmente por Pedro Rafael Morais e modificada por nós).

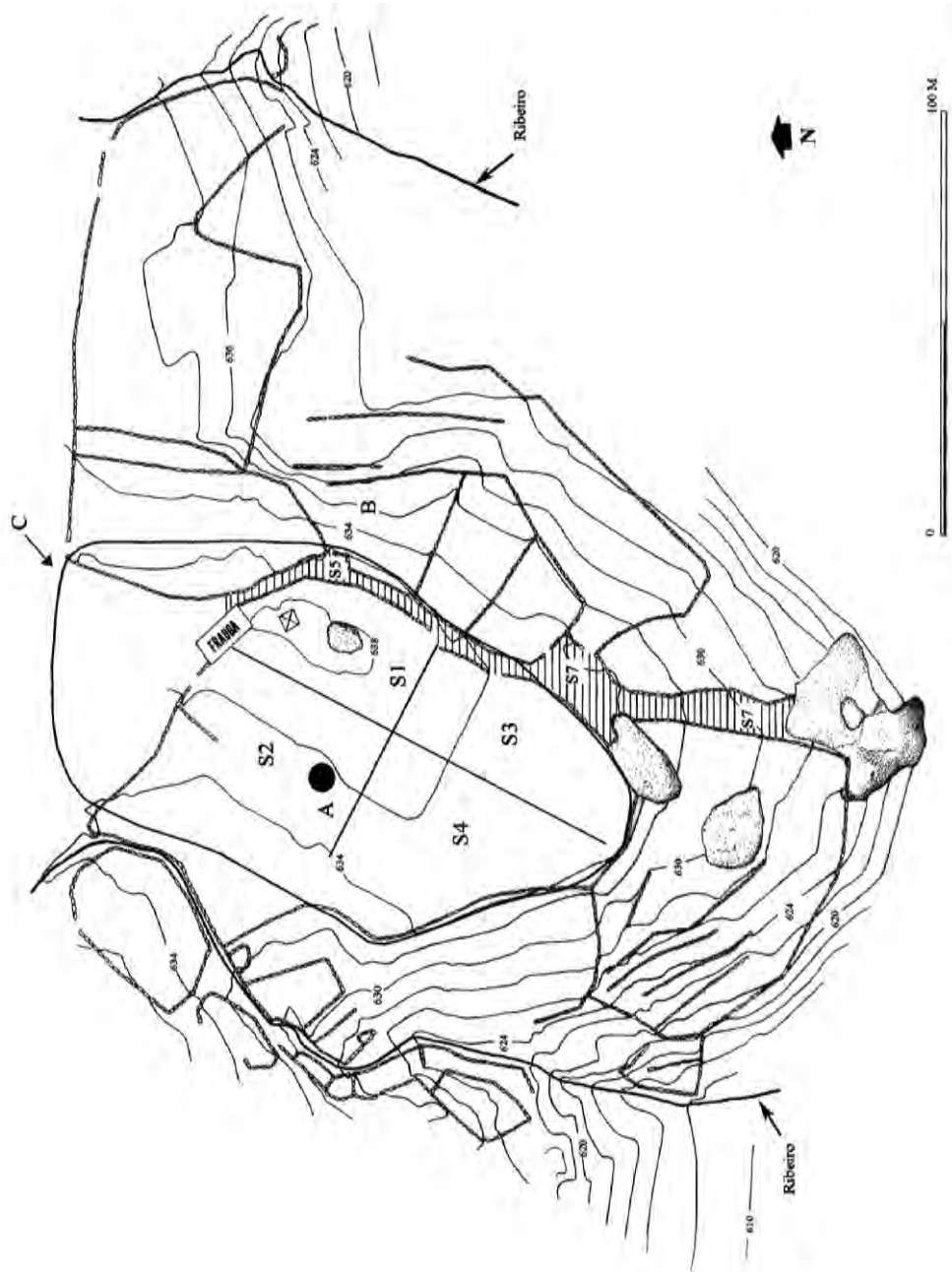


Fig. 4 – Levantamento da estação do Puio / Castelar, a partir do levantamento realizado pelo Gabinete Técnico Local de Miranda do Douro, modificado por Maria de Jesus Sanches (Sanches e Pinto: 2002), e modificado por nós. A – Localização aproximada da escavação de Santos Júnior em 1952, B – Localização aproximada de um achado de um forno e de cerâmicas; C – Limite aproximada da ocupação da plataforma do Puio, ficando de fora estruturas e aterros de contenção; S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7 – Sectores onde foram recolhidos os materiais da prospeção efectuada no sítio em 2001 (dirigida por Maria de Jesus Sanches). O tracejado está a localizar o caminho em terra batida de acesso ao esporão e que o circunda pelo lado nascente.

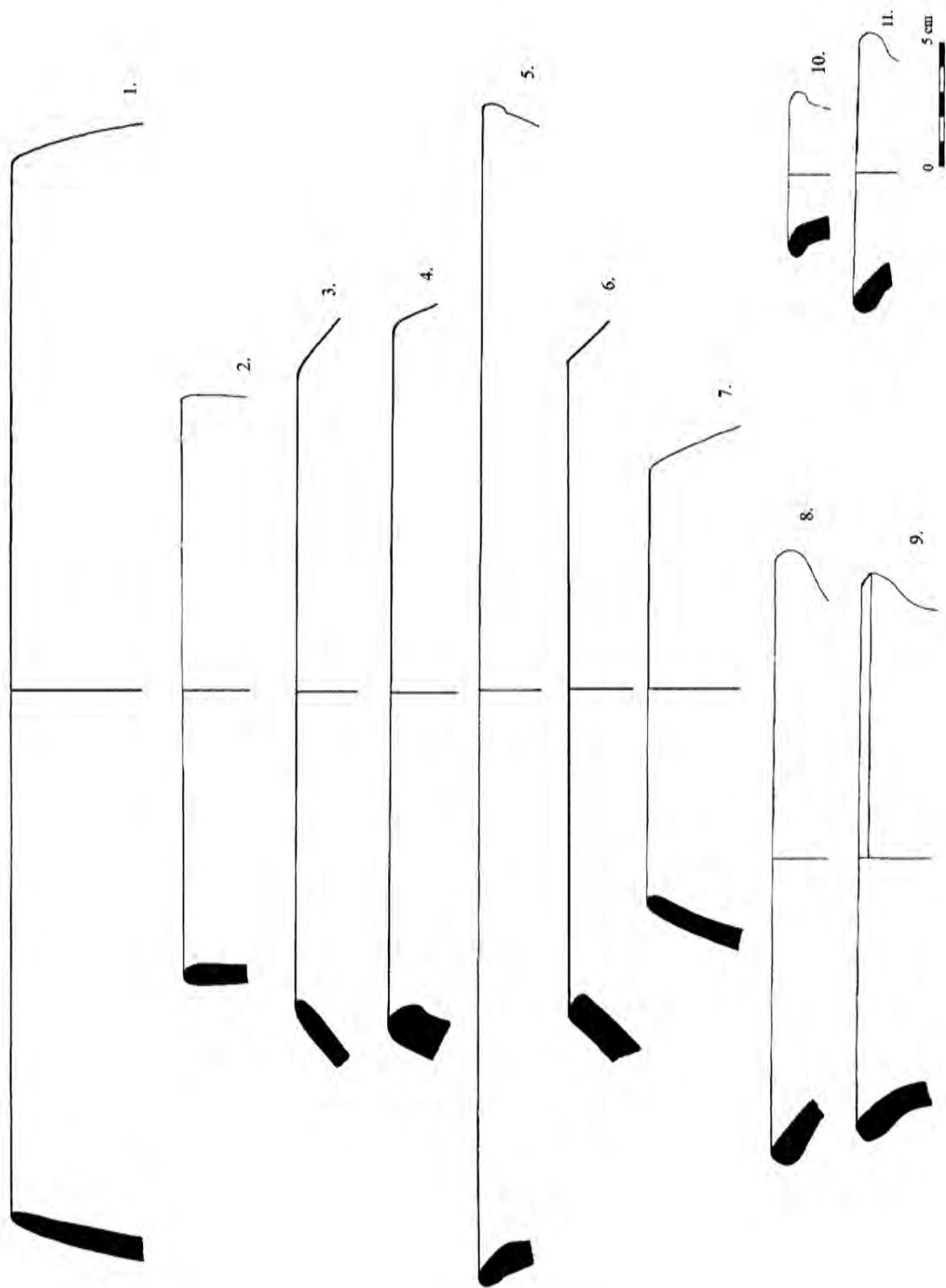


Fig. 5 – Formas cerâmicas provenientes da prospeção realizada na estação Puiu / Castelar em 2001 (n.º 1-11)

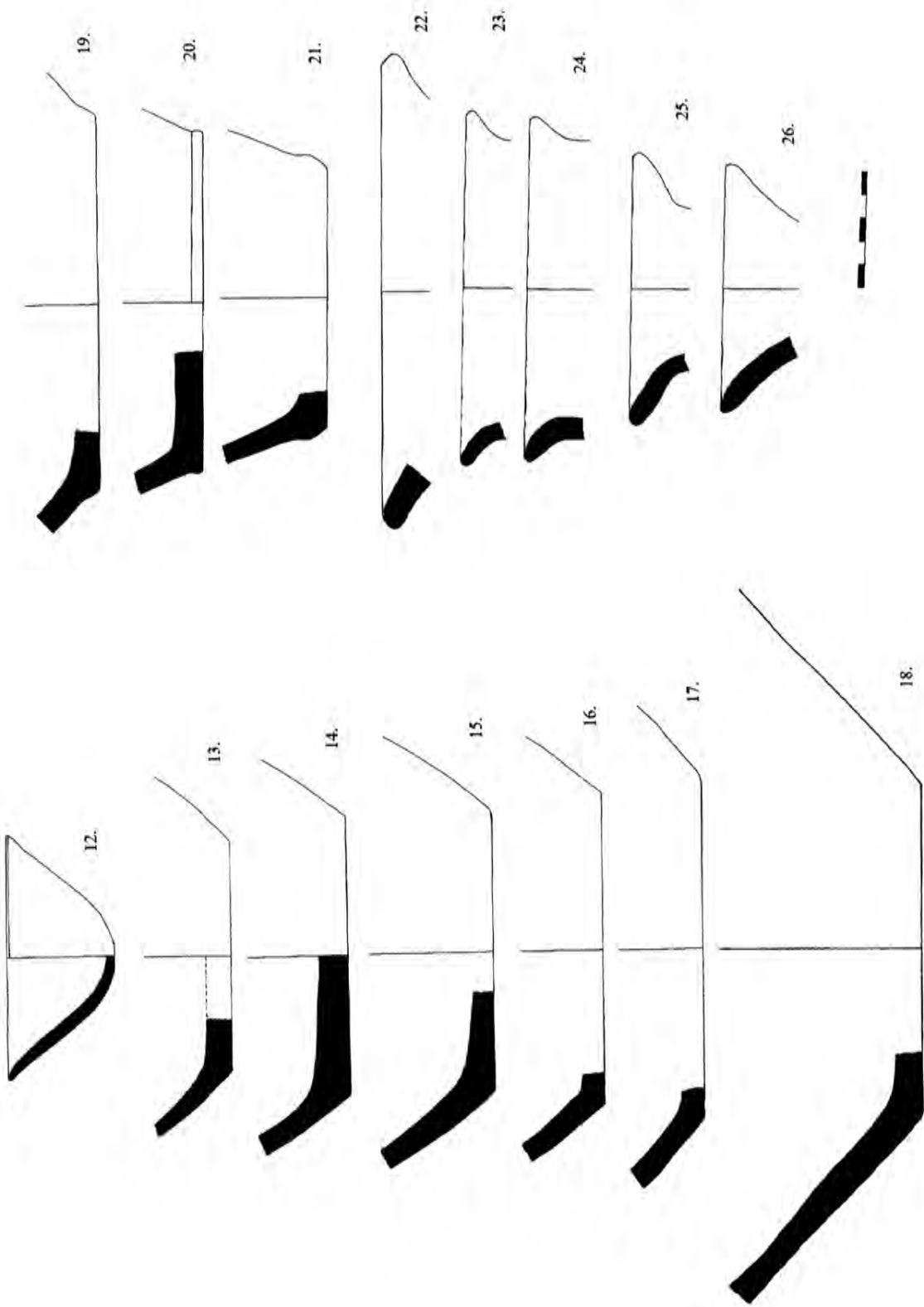


Fig. 6 – Formas cerâmicas provenientes da prospeção realizada na estação Puiu / Castelar em 2001 (n.º 12-26).

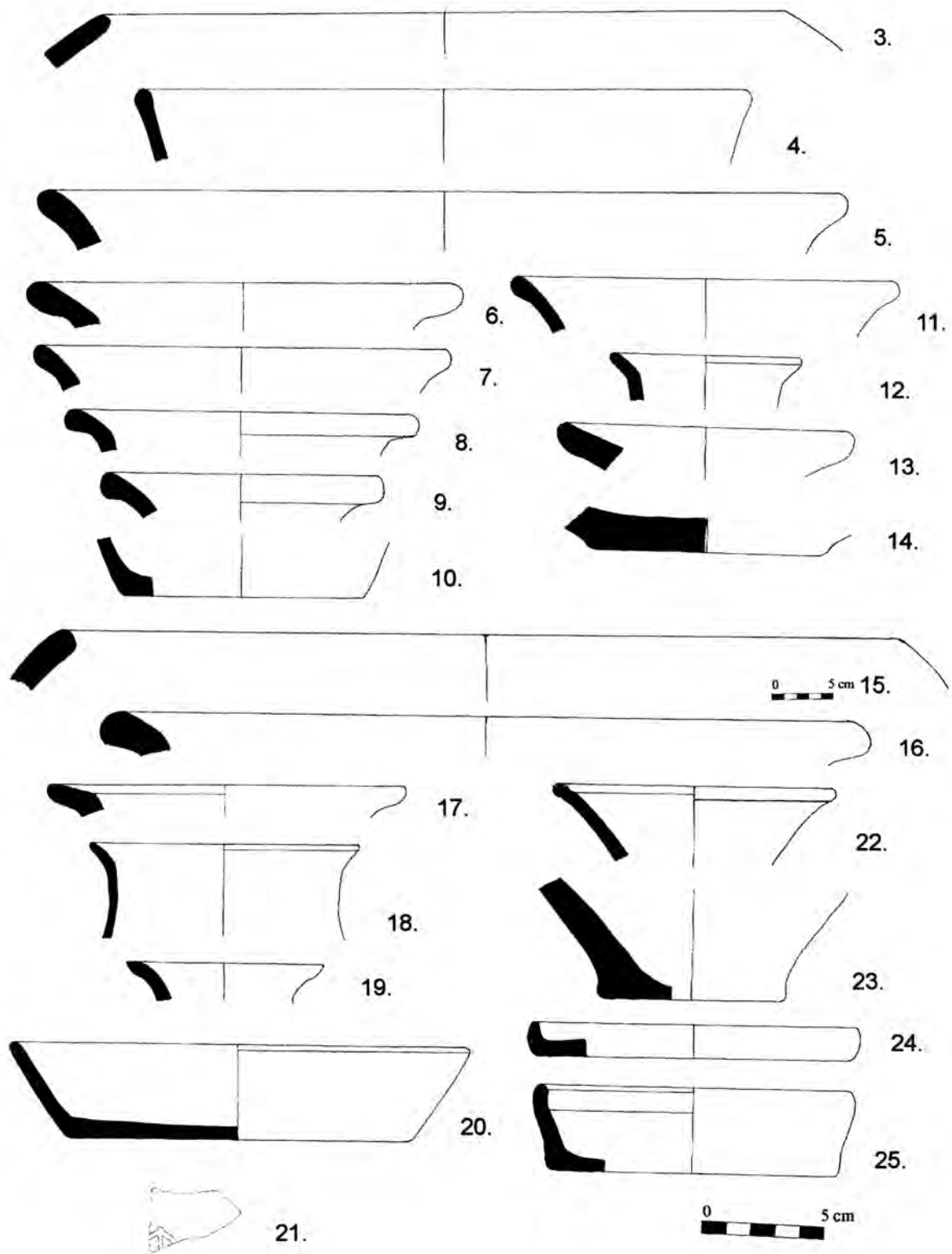


Fig. 7 – Formas cerâmicas (3-25) e fragmento de sigilatta provenientes da escavação de Santos Júnior no “Castelar”, em 1952.

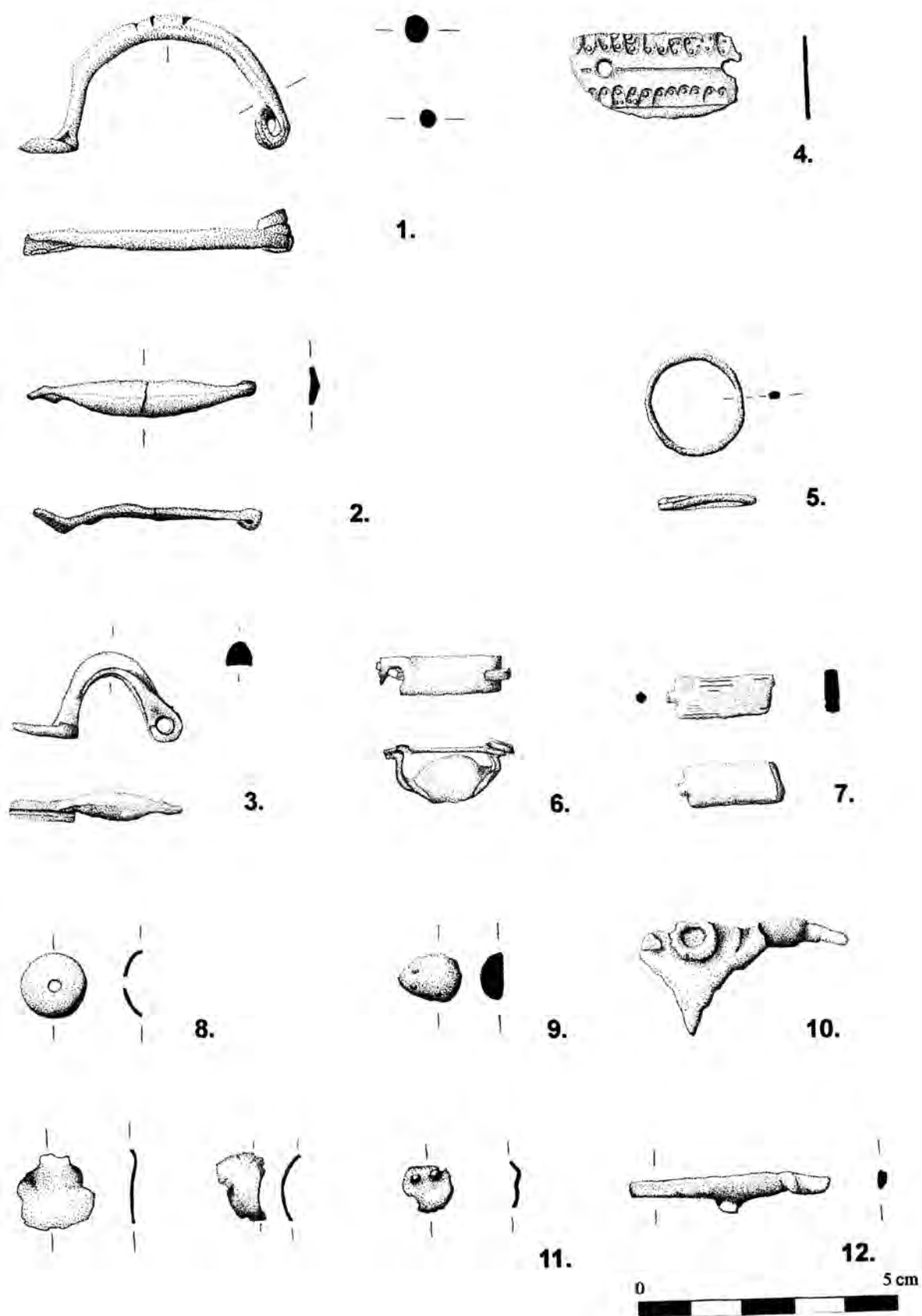


Fig. 8 – Artefactos metálicos em liga de cobre provenientes da escavação de Santos Júnior no “Castelar”, em 1952 (1-12).

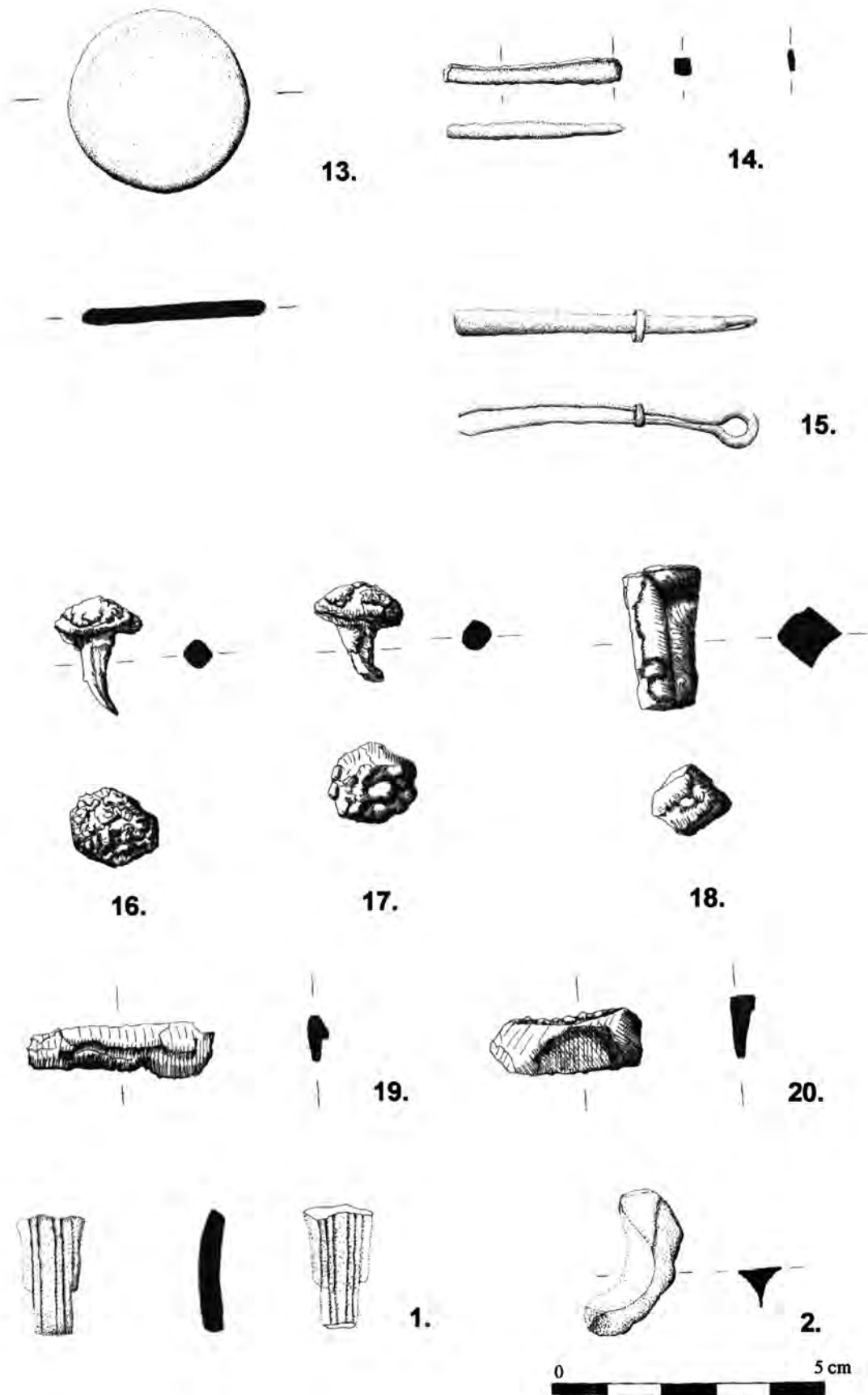


Fig. 9 – Artefactos metálicos em liga e cobre (13-15), artefactos metálicos em ferro (16-20) e fragmentos cerâmicos (1-2) provenientes da escavação de Santos Júnior no “Castelar”, em 1952.

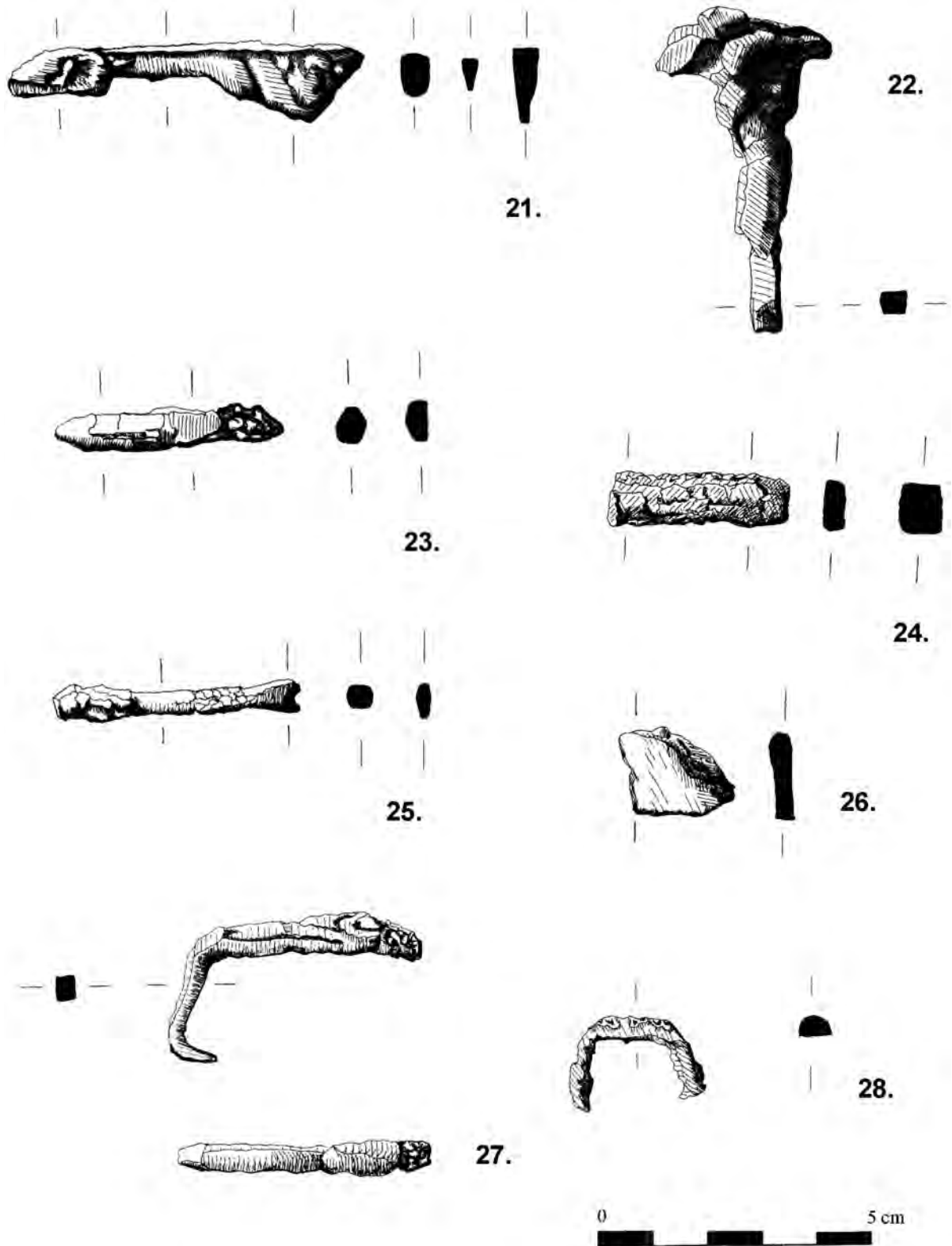


Fig. 10 – Artefactos metálicos em ferro (21-28) provenientes da escavação de Santos Júnior no “Castelar”, em 1952.



Fig. 11 – Aspectos do corredor ou galeria que desembocaria na câmara circular (no fundo da foto é o fim do corredor, não a câmara). Ao fundo na fotografia vêem-se duas pedras mais chegadas ao centro do corredor que faziam uma espécie de entrada ou portelo (Fotografia cedida pela Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo).

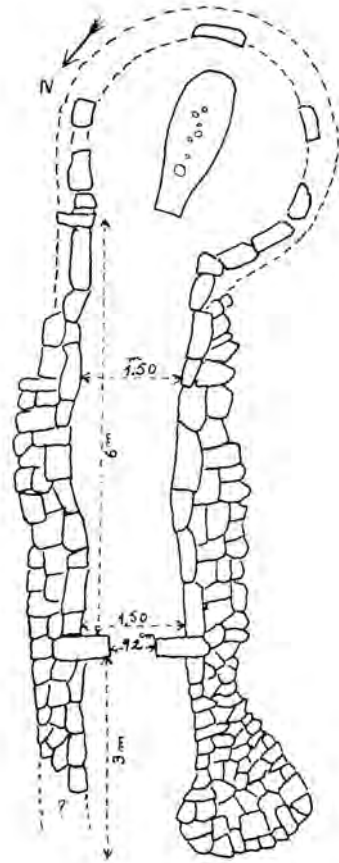


Fig. 12 – Reconstituição da câmara circular onde apareceu o berrão, e do corredor com cerca de 9 m de comprimento e uma espécie de portelo com 92 cm de largura (esquema publicado por Santos Jr: 1975).



Fig. 13 – Aspectos do corredor com algumas pedras da parede lateral tombadas (A câmara está na direcção do canto superior direito da foto). (Fotografia cedida pela Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo).



Fig. 14 – Aspectos da escavação do sítio onde apareceu o berrão de Picote, “que era uma câmara circular de parede muito bem feita” (Santos Júnior; 1975), mas que a foto não mostra. (Fotografia cedida pela Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo).



Fig. 15 – Aspectos da escavação do sítio onde apareceu o berrão de Picote. (Fotografia cedida pela Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo).



Fig. 16 – Fotografia da agulha e do fragmento metálico sem forma (integrado no espólio do Santos Júnior, na Biblioteca de Torre de Moncorvo) (Foto de Dulcineia Pinto).



Fig. 17 – Perfil do grande berrão de Picote (Foto de Santos Jr publicada em 1975).



Fig. 18 – Traseira do grande berrão de Picote (Foto de Santos JR, publicada em 1975).



Fig. 19 – O destroço do pequeno berrão de Picote. Saliências testiculares com sulco intertesticular e goteira circundante. A caneta mede 14,5 cm. (Foto de Santos Jr publicada em 1975).



Fig. 20 – Vista da paisagem que se avista do esporão Puio / Castelar, na direcção Este (Foto de Dulcineia Pinto).



Fig. 21 – Vista do caminho que acompanha a quebra do esporão do Puio – assinalado no levantamento (fig. 4). Do lado esquerdo a “horizontalidade” do caminho deve-se ao muro de contenção que surge intercalando, ou ligando, os penedos graníticos. Sob o poste de alta tensão mais próximo vêem-se os indícios das obras de Maio e Junho de 2005 (Foto de Maria de Jesus Sanches).

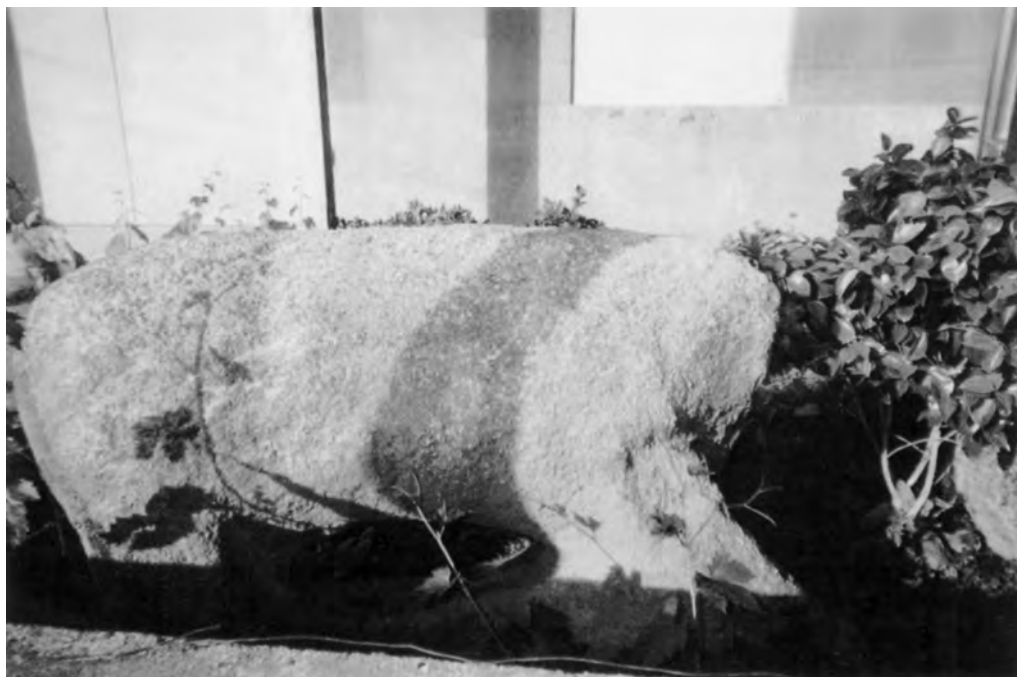


Fig. 22 – Berrão encontrado em Abril de 2005, próximo do esporão (Foto de Dulcineia Pinto)